

Nilton Bahlis dos Santos

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

A REVOLUÇÃO ESQUECIDA

2ª edição

 ARQUIMEDES
EDIÇÕES

CORRESPONDÊNCIA
INTERNACIONAL

Nilton Bahlis dos Santos começou a fazer política no Colégio Julinho em Porto Alegre. Em 1964 entrou na Faculdade de



Arquitetura, onde participou do Diretório Acadêmico. Em 66 foi eleito para o DCE-UFRGS, depois para a UEE-RS e para a diretoria da UNE, em 1967. Como seu diretor participou da organização das lutas do Movimento Estudantil de 1968, dos debates sobre educação e da tentativa de reorganizar os Centros Populares de Cultura (CPC) da UNE, que organizavam ações dos estudantes diretamente junto a setores populares: atividades culturais, ações de educação, de saúde e saneamento, construções de habitações populares em sistemas de mutirão, e outras.

Em 1969 mudou para o Rio, vivendo na semi-clandestinidade até 1972, quando, com a queda de quase 200 companheiros, se exilou no Chile. Com o Golpe, foi preso no campo de concentração do Estádio Nacional do Chile e submetido a Corte Marcial, o que conta no livro “O Estádio era mais Alegre” desta mesma editora. Foi retirado de lá pela Cruz Vermelha Internacional e exilado na França, protegido pela Comissão da ONU para Refugiados, até 1979 quando voltou ao Brasil.

É jornalista, produtor cultural, doutor em Ciência da Informação, e especialista em sistemas complexos, redes sociais e Internet.

Além dos livros desta **Coleção Correspondência Internacional** a Arquimedes Edições editou do autor **A informação e o paradigma holográfico**, 2020.

Nilton Bahlis dos Santos

**GRANADA:
um pequeno povo
que resolveu libertar-se...**

A REVOLUÇÃO ESQUECIDA

2ª edição

Grafia original preservada

Coleção



*Rio de Janeiro
Setembro
2023*

2023 - Direitos do autor resguardados pela licença criativa

Atribuição-NãoComercial Internacional (CC BY-NC 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

É permitido remixar, adaptar e criar a partir deste trabalho para fins não comerciais, e os novos trabalhos têm de atribuir o devido crédito ao autor e não podem ser usados para fins comerciais, mas não necessariamente têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Edição digital integral gratuita e venda de exemplares impressos disponível em:

<https://arquimedesedicoes.com.br/granada>

Recuperação de texto: Verônica Lima

Edição, diagramação e capa: Arquimedes Celestino

Imagem da capa: Sgt. Christopher Gray

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Nilton Bahlis dos

Granada: um pequeno povo que resolveu libertar-se
- A revolução esquecida / Nilton Bahlis dos Santos.
2. ed. -- Rio de Janeiro : Arquimedes Edições, 2023.

Coleção Correspondência Internacional

Bibliografia

ISBN 978-65-87992-05-1

1. América Latina - Civilização 2. América
Latina - História I. Título.

23-161792

CDD-980

índices para catálogo sistemático:

1. América Latina : História 980

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



www.arquimedesedicoes.com.br

edicoes@arquimedesedicoes.com.br

PREFÁCIO

2ª EDIÇÃO

Esta é uma reedição, com objetivo de registro histórico, de uma obra que fala da revolução em uma ilha de 344 km², 20 km de diâmetro, menor do que a área do Rio de Janeiro e 110 mil habitantes. Em “Granada: um pequeno povo que resolveu libertar-se...”, Nilton nos conta a história desta vitoriosa revolução, iniciada em 13 de março de 1979. Era a primeira revolução vitoriosa na América depois de Cuba.

Esta revolução, que tomou a dimensão de sonho para ser real, começava a crescer e se tornar perigosa. Não porque tivesse um significado econômico ou poder militar, mas por sua dignidade moral, sua pureza, sua radicalidade, seu companheirismo, seu internacionalismo, enfim... sua dimensão de sonho.

Durante o curto período de quatro anos que viveu a Revolução Granadina, este povo, decidido a melhorar as condições de vida no país, alcançou um crescimento anual do Produto Interno Bruto de 5,5%, uma queda na taxa de desemprego, de 43% em 1979, para 14% em 1982, o crescimento do número de sindicalizados de 30% da população urbana para mais de 80% nos primeiros seis meses. As medidas tomadas abarcavam questões tão diversas como a alfabeti-

zação, criação de centros comunais e planos para levar eletricidade a toda Granada.

Mas como nos conta o autor, a fonte de poder, o que deu dinâmica à revolução granadina, foi a mobilização de massas. As manifestações, os atos públicos, as conferências e outras reuniões e manifestações contando algumas vezes com centenas de pessoas, mas chegando às vezes a quinze ou vinte mil (1/5 da população), foi um aspecto constante da vida política da Granada Revolucionária. O que também incluiu a Organização de Mulheres, o Conselho Nacional de Estudantes e as Brigadas de Trabalho Comunal. Nas áreas rurais, já nos primeiros dias da revolução, foram organizados Conselhos eleitos pelos trabalhadores. O que levou à projeção internacional de sua principal liderança, Maurice Bishop, considerado na época como um novo Patrice Lumumba.

“Não haverá outra Cuba”, haviam dito, por 24 anos, os americanos. A revolução de Granada estava ali para desmentir essa sentença. Era a demonstração de que os americanos, com toda a sua força, não eram imbatíveis. Com a vitória Sandinista na Nicarágua, pouco meses depois, e a criação, no ano seguinte, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), que unificou as forças populares na luta revolucionária em El Salvador, a grande potência do Norte sentiu estremecer o seu controle sobre uma das suas principais regiões de interesse geopolítico: o Grande Caribe.

Em 25 de outubro de 1983, uma bárbara e covarde intervenção imperialista, perpetrada pelos Estados Unidos, um país, milhares de vezes maior e mais poderoso, que suprimiu violentamente a revolução vitoriosa do povo granadino. Uma revolução da qual pouco se tinha conhecimento pelo controle americano das grandes agências internacionais de notícias na época e que, até hoje, está diluída, em meio à propaganda imperialista sobre os acontecimentos.

Com a eleição de Reagan e consequente virada para a direita na política americana em 1981, Granada se apresentou como o alvo mais fácil, pela sua minúscula capacidade militar, para uma demonstração de força dos americanos, extremamente necessária no front interno e externo, desde as derrotas no sudeste asiático da década anterior. “O plano era liquidar a resistência em 24 horas e retirar suas forças uma semana depois”, diz o autor do livro. Avaliação aparentemente viável já que as forças americanas envolvidas chegavam a mais de 10% de toda a população da ilha. Mas a brava resistência dos granadinos e seus companheiros cubanos, além da imediata rejeição internacional dos alegados “motivos” americanos, tornou duvidoso o resultado da intervenção, que terminou sendo para os americanos uma experiência, um aprendizado, que desencorajou, por exemplo, a intervenção direta das forças armadas americanas na Nicarágua.

Foi no calor destes acontecimentos que o livro original “**Granada: um pequeno povo que resolveu libertar-se...**” foi escrito e publicado pela Edições dos Povos Latino Americanos (EDIPLAM), fazendo parte do intenso trabalho desenvolvido pelo Comitê de Solidariedade com os Povos Latino-Americanos (COSPLAM) e outras organizações populares, no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século passado.

Este livro é parte da **Coleção Correspondência Internacional**, que trata das revoluções de libertação nacional, do intervencionismo americano e suas justificativas geopolíticas da época. Consideramos este projeto como um registro histórico, pensamos que, se a ortografia fosse atualizada, deformaríamos o que o texto era e significava em sua época. Tomamos então a difícil decisão de manter, nesta 2ª edição, o texto original, anterior à reforma ortográfica de 1990. Disponibilizar o livro exatamente como foi encontrado, inclusive com possíveis erros ortográficos e problemas de edição, como um retrato daquele momento. Não revisar, por revisar. Não atualizar por mera formalidade,

não tratar superficialmente algo que é complexo por natureza. Refletir sobre o que se lê e se publica, mais do que normatizar e “ajeitar”.

Em um apelo, reproduzido na epígrafe deste livro, o dirigente sindical granadino Vincent Noel, conclama a todos a “escrever para órgãos de imprensa internacional, ainda que não publiquem. Ao menos saberão o que pensam os trabalhadores granadinos”, o que demonstra claramente que a luta dos povos por sua autonomia e liberdade não prescinde de quem, estando presente de forma física ou se correspondendo com os atores diretos dos eventos de embate social, relate os acontecimentos de outra perspectiva, na visão dos explorados, de sua história imediata, para outros povos que compartilham condições semelhantes.

Nilton Bahlis dos Santos, que na época assinava apenas Nilton Santos, além do presente livro desenvolveu, como correspondente internacional dos movimentos dos povos por sua autonomia e liberdade, uma série de publicações sobre a agitada vida política da América Latina. Estas publicações têm formas textuais extremamente diversas, desde de reportagens semanais sobre o dia a dia da revolução Nicaraguense, em “Os sandinistas aceleram o passo”, até uma ficção autobiográfica em “O estádio era mais alegre”, passando por outras formas literárias como análises metodológicas da práxis política e descrição detalhada de ações de poderes revolucionários vitoriosos.

Com a republicação deste conjunto de livros e a disponibilização digital gratuita das obras, a Arquimedes Edições se propõe a transformar em memória aquilo que só pôde ser concebido pela inserção imediata na realidade social que a correspondência internacional propiciou.

ARQUIMEDES CELESTINO, editor

Julho de 2023

“Existe gente que ve Granada como um perigo e está fazendo todo o possível para ver com que trapaças poderão deter-nos. Caluniam-nos aqui na região, na América do Norte e por todo o mundo.

Nós, como nação pequena, não temos recursos para responder a essa campanha internacional e para vencer rumores, calúnias e mentiras.

Porém cada um de nós pode fazer algo. Para começar, podemos escrever a nossos familiares no exterior. Podemos propor que nossos amigos façam o mesmo. Podemos escrever para órgãos de imprensa internacional, ainda que não o publiquem. Ao menos saberão o que pensam os trabalhadores granadinos. Podemos falar com os turistas e todo o tipo de visitantes que vêm a nosso país. Pedir-lhes que voltem sempre a Granada e dizer-lhes algo sobre o nosso belo país.”

VINCENT NOEL, dirigente sindical granadino

Julho de 1983

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
I – HISTÓRIA	17
II – A REVOLUÇÃO.....	27
III – A INVASÃO E A RESISTÊNCIA.....	49
POSFÁCIO.....	75

APRESENTAÇÃO

(1ª edição)

I – A invasão de Granada demonstra mais uma vez que a alternativa do imperialismo para enfrentar sua crise passa pela barbárie. Poder-se-ia dar outro nome a esta invasão que se iniciou com um ataque a um hospital psiquiátrico e que colocou em jogo forças extremamente desproporcionais: “covardia”. Termo que evidentemente não pode ser encontrado nos manuais militares americanos.

“Covardia” e “barbárie” não são apenas palavras. Politicamente são expressões práticas da dominação e exploração que não conseguem ser justificadas. A sua violência é diretamente proporcional às dificuldades que vivem para manter-se como dominadores e exploradores. E a violência do imperialismo, como expressão política maior da dominação e exploração, não poderia deixar de crescer na ordem direta em que é colocada em xeque. A menos que estivesse disposta a ceder seus privilégios. E a história nos mostrou que jamais os privilegiados aceitaram pacificamente perdê-los.

A barbárie e a covardia têm um custo político. Permitem aos dominados percebê-la, entendê-la, assumi-la, o que os impulsiona a se organizar e lutar. Por isso que se por um lado a violência dos

dominadores golpeia e destrói a resistência dos dominados, por outro impulsiona a resistência a desenvolver-se.

A invasão de Granada, covarde e bárbara, é expressão de uma correlação de forças no mundo e na América Central, onde o imperialismo perde terreno. Golpeado pela crise econômica, pelas derrotas sofridas no Vietnã, Cambodja e Laos, nos países africanos que se libertaram, na Nicarágua e na pequena Granada, golpeado pelo crescimento das crises sociais e das lutas de libertação e emancipação, o imperialismo resiste. E nesta resistência vai pondo todos os seus trunfos para tentar reverter a situação.

Granada significava a oportunidade de impor uma derrota militar às lutas de libertação. Com esta vitória, Reagan esperava desmoralizar os povos que lutam, recriar em seu país o “orgulho nacional” para recompor em torno de si a “frente interna”, e apontar uma liderança e um caminho para a contra-revolução ao nível internacional. A partir daí poderia golpear o movimento revolucionário em El Salvador e a revolução nicaraguense.

Tudo indica que deste ponto de vista a invasão de Granada, como afirmou Fidel Castro, “foi um tremendo erro político dos Estados Unidos”. Porque se é bem verdade que o imperialismo teve uma vitória militar, conseguiu interromper a revolução granadina, conseguiu coesionar e restabelecer sua liderança entre os setores mais contra-revolucionários de seu país e em escala internacional, Reagan e o imperialismo pagaram caro por isto. Pagaram caro porque as forças populares contam hoje com uma correlação de forças ao nível internacional e particularmente na América Central mais favorável e porque souberam fazer o imperialismo pagar este custo.

Em primeiro lugar, o responsável por isto foi o povo granadino que em meio a uma desproporcional correlação de forças, resistiu e mantém a resistência, impondo significativas baixas às forças

de ocupação. Cumpriram e cumprem com o papel que a realidade lhes colocou num dado momento; de estar no “front” das lutas de libertação e de lutar face a face com a maior potência imperialista. Não discutiram, não vacilaram; ocuparam seus postos, ofereceram os seus mortos por uma luta mais ampla.

Em segundo lugar, cumpriram seu papel os revolucionários cubanos. Particularmente aqueles companheiros, força avançada da revolução cubana, que nas cercanias do Aeroporto Ponta Salinas, bombardeados com napalm, uma centena contra milhares, mostraram que sua solidariedade, seu internacionalismo, não são meras palavras. É algo pelo que estão dispostos a dar suas vidas. Mostraram também como ocorrerá se os americanos se dispuserem a ir à sua ilha.

Em terceiro lugar, em diferente grau, cumpriram seu papel os governos, partidos, organizações, comitês e personalidades, progressistas, democráticos e revolucionários, que em todo o mundo aprofundaram suas lutas e organização e protestaram contra a invasão, fazendo com que os Estados Unidos pagassem mais caro, ampliando o seu desgaste.

Os povos de Cuba, Nicarágua e El Salvador, em especial, suas organizações de massa e sua vanguarda, merecem destaque aqui.

II – No momento vivemos a proximidade de importantes confrontos na Nicarágua e em El Salvador.

Em El Salvador, por iniciativa do movimento popular e revolucionário que organiza sua ofensiva aproveitando o desgaste americano. As forças revolucionárias neste país, como em outros da América Central preparam-se assim para servir como “forças de apoio” ao combate que se prepara na Nicarágua, obrigando os

Estados Unidos a dispersar forças, recriando a bandeira “dois, três, muitos vietnãs”.

O combate principal tende a se desenrolar na Nicarágua. Ainda que sofrendo desgastes, o Governo Reagan, procura capitalizar Granada apontando para Nicarágua. Com a “vitória” em Granada, conseguiram compor forças da contra-revolução internacional e dentro dos EUA, e preparam-se para golpear a revolução nicaraguense. No dia 14 de outubro passado, o Comandante da Revolução e Coordenador da Junta de Governo, Daniel Ortega, em uma mensagem ao povo nicaraguense fez um histórico das atitudes e dos planos do Governo americano para a Nicarágua:

“Desde que assumiu a presidência dos EUA o Sr. Ronald Reagan em janeiro de 1981, esse país vem submetendo a Nicarágua a uma política de terror o que tem custado a vida de centenas de nicaraguenses e causado prejuízos de 120 milhões de dólares. Porém todos os intentos do Governo Americano para ocupar uma parte de nosso território e declará-lo território “livre” têm fracassado e os guardas somozistas, os mercenários e traidores têm sido derrotados por nosso povo organizado, obrigando os invasores a fugir e refugiar-se em seus acampamentos de Honduras e Costa Rica.

Estes fracassos da política terrorista do Governo dos Estados Unidos têm levado os estrategistas americanos a decidir-se por um movimento cada vez mais aberto, mais direto, e, portanto, mais imperialista.

Nos últimos 30 dias das ações terroristas tem se intensificado causando destruições em: o Aeroporto Internacional ‘Augusto Sandino’, o Porto Sandino, as alfândegas terrestres de Espino e Penas Blancas, e o Porto Benjamín Zeledón.

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

No dia 10 deste mês, em uma noite um comando da CIA numa lancha rápida armada com canhão e metralhadoras incendiou um tanque de combustível em Corinto o que pôs em perigo a vida dos 20 mil habitantes deste Porto. Um porta-voz dos Estados Unidos imediatamente informou que a ação fora realizada por comandos da FDN, que é respaldada pelo Governo dos Estados Unidos.

Neste mês de outubro, a CIA iniciou uma nova ofensiva. Sabemos que reagrupam e mobilizam seus guardas somozistas, mercenários e traidores, e deslocam um batalhão do exército de Honduras ao longo de nossas fronteiras; aumentam a pressão contra a Nicarágua com atos de sabotagem e com sua presença naval tendo como objetivo principal: cortar-nos o abastecimento de petróleo.

Ante os fracassos sofridos, a CIA tenta agora obter algum avanço militar comprometendo diretamente o exército de Honduras, com a promessa de que, os soldados americanos vão desembarcar neste país, e o poderio americano em geral, estarão dispostos para apoiá-los diretamente se se fizer necessário.”

“Todos os elementos necessários para a invasão dos Estados Unidos à Nicarágua já estão reunidos, faltando apenas o pretexto”, denunciou o Governo Nicaraguense dia 11 de novembro. Um dia antes o The New York Times divulgava um informe secreto da última reunião de chefes militares do Conselho de Defesa Centro Americano (CONDECA). Honduras, Guatemala, El Salvador e Panamá, estavam “estudando a legalidade de uma intervenção militar multinacional na Nicarágua”. Em outras palavras o “pretexto” “no caso de crise externa, a participação direta dos Estados Unidos é aconselhável”, afirmava o relatório.

O povo da Nicarágua, o Governo Revolucionário e a Frente Sandinista ao mesmo tempo em que procuram impedir a invasão norte americana preparam-se para a invasão. Diversas medidas são tomadas neste sentido: racionamento de energia, planos de abastecimento em caso de invasão, poupança de divisas, preparação do exército revolucionário, planos de defesa civil e reforçamento das milícias com a preparação militar e armamento de 200 mil populares. Em meados de novembro, a população da Nicarágua, orientada por suas organizações de massa e de poder, começou mesmo a construir barricadas e abrigos antiaéreos por todo o país particularmente em Manágua.

III - Em diversos países do mundo, organizações populares democráticas e Comitês de Solidariedade vem impulsionando atividades de denúncia das agressões imperialistas, organizando a solidariedade material em dinheiro, remédios e brinquedos e enviando técnicos para a Nicarágua.

No Brasil, comitês de solidariedade, em distintos pontos do país, trabalhando com as organizações e partidos populares, procuram se incorporar a estas atividades. O Comitê de Solidariedade com os Povos Latinoamericanos (COSPLAM), participa deste esforço dando destaque, no interior do trabalho de solidariedade a todos os povos latinoamericanos, a luta do povo de Nicarágua e demais povos da América Central. Este destaque se dá por ser nesta região que se localiza a principal linha de resistência e luta contra o imperialismo que explora, domina, oprime e agride aos povos latinoamericanos.

Os debates em universidades, associações de moradores e sindicatos, as recentes manifestações de solidariedade a Nicarágua e de repúdio a invasão de Granada, exposições, mostras de filmes

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

e áudio-visuais, atividades que viemos impulsionando, são demonstrações de nossa disposição de trabalho.

Precisamos, no entanto, assumir a debilidade ainda do nosso trabalho. Mesmo ampliando nossas atividades, estamos aquém das necessidades que se colocam. A invasão de Granada o demonstrou. Não havíamos desenvolvido um trabalho de informação sobre esse país, que permitisse entender que não se estava apenas invadindo um país, o que já exigia que fizéssemos muito mais que fizemos. Estavam destruindo, massacrando “um pequeno povo que decidira libertar-se”.

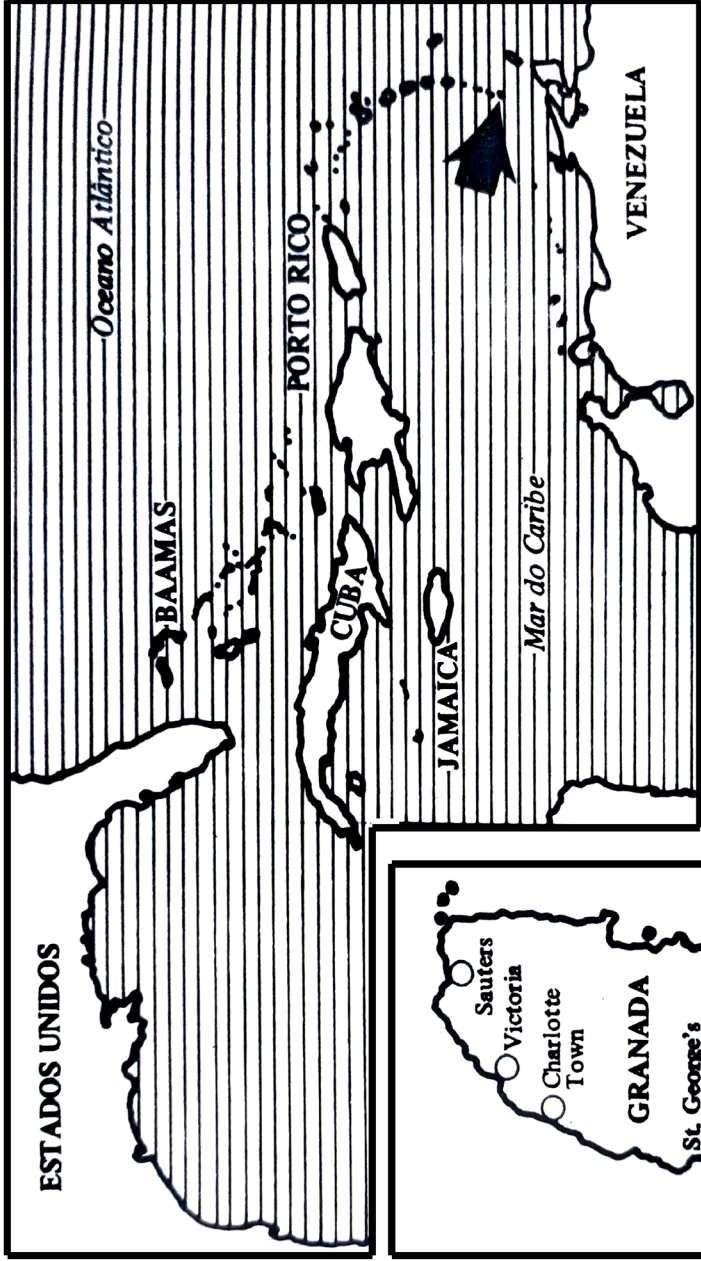
Este livro faz parte de nosso esforço para melhorar. É também o pagamento de uma dívida que temos com o povo granadino: contar sua história para que ela permaneça viva na luta de nossos povos.

Com este livro pretendemos também contribuir para que o sacrifício deste pequeno povo não tenha se dado em vão. E isto só acontecerá, se fizermos com que a invasão de Granada sirva como uma demonstração de que a invasão a outro país que se liberou, a Nicarágua Sandinista, é uma possibilidade real e que cabe trabalhar para impedi-la. E se necessário for, apoiar a luta do povo nicaraguense para expulsar o invasor.

A publicação deste livro, menos de quarenta e cinco dias após a invasão, só foi possível graças a um trabalho coletivo e a dedicação das companheiras Simone Boger e Maria Paula Bonatto que colaboraram no texto e nas pesquisas e os companheiros Airton Amorim, Cristina Luppen, Richard, Eduardo Camacho e Eide Barbosa.

Sem a dedicação destes companheiros este livro teria sido impossível.

***COSPLAM – Comitê de Solidariedade com
os Povos Latinoamericanos***



A minúscula ilha de Granada – indicada com a seta no mapa – foi invadida por um contingente de cinco mil fuzileiros navais norte-americanos, enquanto mais de dez mil aguardavam nas proximidades.

I – HISTÓRIA

O CENÁRIO

Agosto de 1981.

Navios e aviões se dirigem a ilha de Ambar, próxima às ilhas ambarinas, silenciosos. No seu interior “mariners” americanos e um pequeno número de soldados de ilhas vizinhas aguardam o momento de combate. Seu ideal: a democracia. Seu objetivo imediato: restabelecer a ordem contra um violento e bárbaro regime totalitário, apoiado por potências comunistas, que se adonara do poder e mantinha a população da pequena ilha como refém. Naquele momento, distúrbios internos originavam confrontos e massacres a população. Como parte de seus planos, os ditadores militares da ilha pretendiam dar um novo passo em sua política anti-americana e anti-ocidental-cristã: utilizar os americanos que moravam na ilha, como reféns para chantagear os Estados Unidos.

Algum tempo depois, estas tropas libertadoras desembarcavam na ilha e em menos de um dia liquidavam os ditadores. Graças, é claro, ao apoio ativo da população.

24 de novembro de 1983.

Mil e quinhentos fuzileiros navais americanos, acompanhados de 300 soldados de Barbados, Jamaica, Dominica, Antigua, Santa Luzia e San Vicente se aproximam da ilha de Granada, próxima às ilhas Granadinas. Seu objetivo: restabelecer a ordem no país, já que os ditadores totalitários da ilha, após lutas intestinas, massacravam a população preparando a ocupação militar da ilha pelos cubanos e sua transformação em base militar soviética. A razão imediata: defender mil estudantes americanos que os militares esquerdistas planejavam utilizar como reféns.

Bem recebidos pela população, as forças libertadoras que pretendiam resolver o problema em 24 horas, uma semana depois, reforçadas com mais 14 mil “mariners” americanos, enfrentavam ainda focos de resistência, utilizando bombardeamento pesado.

A primeira cena foi imaginada em 1981, segundo a grande imprensa internacional, por militares americanos, quando realizavam as manobras de treinamento dos EUA e seus aliados na “Operação Ocean Venture 1981”. Durante esta operação, ilhas do Caribe tiveram a sua paisagem e topografia modificadas para se assemelharem às Condições de Granada. Ambar, aliás, é o nome de um pequeno povoado ao sul de Granada.

A segunda cena, é a que se depreende das matérias das agências internacionais de notícias quando da invasão americana a Granada.

UMA PEQUENA ILHA NO CARIBE

Granada?... Ilha de Granada? Quando estourou a notícia da invasão as pessoas se interrogavam onde diabo ficaria isso. Talvez tivesse algo a ver com a Espanha...

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

Às vezes, alguém que entendia um pouco mais de história, comentava: “não é a antiga ilha de Concepción, descoberta por Cristóvão Colombo quando chegou das Américas?”

No geral, as pessoas nunca tinham ouvido falar.

Granada, ilha do Caribe onde a temperatura média anual é 27 graus centígrados. Pequeno retrato das quentes e aprazíveis ilhas que a natureza criou no Caribe.

Granada, a mais ao sul, é uma das menores ilhas do Caribe.

Trezentos e quarenta e quatro quilômetros quadrados, menos de 20km de diâmetro, ocupa menos do que a área do Rio de Janeiro, corresponde mais ou menos à parte que poderia ser circunscrita pelo Leblon, Copacabana, Flamengo, Pça. Mauá, Rodoviária, São Cristóvão e Pça. da Bandeira. Nesse pequeno espaço, convivem campos, cidades e montanhas; a nação granadina.

Com 110 mil habitantes, a população de Granada é menos da metade da população da Favela da Rocinha (250.000 habitantes). População que caberia talvez com conforto em uma dúzia de navios de guerra americanos.

Pois foi a este pequeno país, um dos menores do mundo, que os EUA, com uma população, duas mil e duzentas vezes maior, que apenas no Vietnã chegou a colocar 500.000 soldados, e que tem uma dimensão que é 27.000 vezes a de Granada... terminou de invadir. Invasão que não foi a primeira. Num mundo onde a força é a base da relação entre países, um pequeno país como Granada, não podia deixar de ser humilhado por aqueles países que usam sua força para impor seu poder.

GRANADA INVADIDA. VENDIDA E OPRIMIDA

Séc. XVII.

A Europa vive ainda os momentos de descobertas de novos mundos, culturas exóticas a serem arquivadas, classificadas, catalogadas. Tesouros a serem descobertos, terras a serem cultivadas.

Granada é quase um ponto no meio do Caribe, mar que ainda se mostra novo e cheio de surpresas.

Como portugueses e espanhóis na América do Sul, os franceses chegam à ilha diante de olhos espantados dos nativos, e a história da colônia novamente se faz. Homens com uma economia e um grau de desenvolvimento ainda frágil, são dizimados pelo europeu, que se faz presente tomando espaços, tempos e idéias.

A terra precisa ser cultivada e a produção tem que ser máxima. Porque não ali também o braço negro, que se mostrava tão produtivo nas modernas experiências colonizadoras de outras partes da América?... A África foi trazida e sua força se espalhou pela pequena ilha de Granada tornando-se a raça predominante da população dali.

É o fim do século (1783), e os europeus negociam entre si as terras e tesouros do Novo Mundo. Em meio a estas negociações, a França, que se encontrava envolta em seus processos revolucionários, vende a pequena ilha aos ingleses. Mas o mesmo espírito da Revolução Francesa viria a inspirar no povo de Granada idéias de liberdade e ventos de mudanças na vida colônia.

Foi assim que em 1795/96 se fizeram as primeiras rebeliões de escravos, camponeses e crioulos. Destaca-se Julien Fedon na liderança de uma das principais delas.

A repressão inglesa se impõe, abafando todas as tentativas de revolta e os colonizadores reafirmam seu poder importando mais escravos africanos.

O povo de Granada persistia na resistência, e em 1838 conquistou a abolição da escravatura. O trabalhador é agora assalariado e “livre”: o fruto de seu trabalho continua indo parar na Inglaterra. Com o fim da primeira guerra, organizam-se greves e manifestações de protestos com o objetivo de pressionar reformas na administração colonial antecipando assim o começo da luta anticolonial de nossa época. E os anos 50 são anos de lutas por mudanças sociais em Granada.

OS TRABALHADORES SE ORGANIZAM

No início dos anos 50 é criada uma Central Sindical: “Granada Manual and Mental Workers Union”. Surge Eric Gairy como figura de destaque, líder e fundador do sindicato que da noite para o dia, usando seu carisma, funda o primeiro partido local, o Partido do Trabalho Unido de Granada (GULP). Os ingleses, jogando com a popularidade de Gairy, prometem o poder em troca de sua fidelidade à coroa britânica e sob o regime Gairy, em 1974, se dá a independência de Granada. Os interesses ingleses, no entanto, se mantêm ainda intactos.

Depois de mais de 20 anos sob o regime ditatorial de Gairy, os granadinos começam a se organizar politicamente, formando partidos de oposição. Bishop e outras lideranças, que mais tarde serão importantes para a vida política da ilha, estudam nessa época em países como Inglaterra e EUA, e aí entram em contato com o movimento negro organizado – “Black Power” e diversos outros movimentos, como o da luta pela igualdade para as mulheres, de

minorias étnicas, etc. Essa vanguarda vai se identificar assim com figuras como Martin Luther King e ainda com líderes da revolução cubana como Fidel e Che e retorna com novas idéias à ilha.

O New Jewel Movement (NJM) surgiu em 1973, de uma fusão de duas organizações: Movimento para Assembléia do Povo (MAP) e o Joint Effort for Welfare, Education and Liberation (JEWEL) que quer dizer “JÓIA” e as letras significam Esforço Conjunto para o Bem-Estar, Educação e Libertação. Entre seus líderes estão Selwyn Strachan, Unison Whiteman, Kendrick Radix e Maurice Bishop.

O programa do NJM era bastante radical: fazer a reforma agrária na ilha, controlar o comércio exterior, nacionalização eventual dos bancos, companhias de seguros e turismo, e ainda um programa para fazer o país mais auto-suficiente em alimentos, melhorar escolas, saúde, etc. Um governo para realizar estas transformações, para o NJM, teria de se apoiar em Assembléias Populares: “O poder, deverá ter suas raízes nos povoados e nos lugares de trabalho, e como fim, a destruição de toda opressão e exploração de classes em nossa sociedade”.

Com o tempo, o NJM começa a se consolidar como um partido, tendo como objetivo fazer da ilha uma Granada socialista. Ele cresce, ao mesmo tempo que o populismo de Gairy vai sendo substituído por atitudes repressivas e antipopulares cada vez mais freqüentes. Em maio de 1973, o NJM consegue reunir dez mil pessoas (10% da população do país) em um ato político que chama a uma greve geral política contra o governo de Gairy. Alguns dias depois, ainda em maio, a ilha inteira é paralisada pelos trabalhadores durante quatro dias.

No final de 1973, o NJM reúne novamente mais de dez mil pessoas em um “Congresso Popular”, que ameaça com nova gre-

ve geral. No dia em que começaria a greve, seis dirigentes do NJM, Bishop entre eles, são golpeados, detidos e encarcerados.

Em janeiro de 1974, uma nova greve geral paralisa a ilha quando Gairy, numa tentativa de reforçar seu poder, apoiado pelos ingleses, se apresta a declarar a independência de Granada. A greve se prolonga por seis semanas, em manifestações que exigiam a independência do país, mas uma independência sem Gairy.

Já desde sua formação o NJM afirmava que “a independência deve significar melhor habitação, melhor roupa e melhor alimentação para o povo, melhor saúde, educação, melhores caminhos e serviços de transportes, mais empregos e salários mais altos, mais recreação, em poucas palavras, um nível de vida mais alto para os trabalhadores e para os seus filhos”.

Pressionado pelo crescimento da oposição, Gairy coloca em cena grupos para-militares; a “Gang dos Mongostas” que mais tarde seriam transformados em Força de Defesa do regime. Estes “esquadrões”, pouco após o golpe de Pinochet, receberam instruções com assessores militares chilenos e iniciam uma forte repressão na ilha.

No dia 6 de fevereiro Gairy declarava a independência ao mesmo tempo em que prendia novamente Bishop e outros dirigentes da oposição. A bandeira inglesa foi retirada e içada a bandeira de Granada. Mas quase mais nada mudou. Os tiros de canhão, comemorativos de barcos ingleses e canadenses ancorados no porto, recordavam os habitantes de Granada que o imperialismo continuava sendo o seu senhor.

Com o crescimento da oposição popular ao regime, tendo à frente o NJM, Gairy busca realizar uma manobra política, convocando eleições em 1976. Tentava dar uma aparência de legitimidade a seu regime e procurou se garantir dos resultados

através de diversos artifícios fraudulentos. Mas apesar da fraude, apesar de constarem na lista de votantes inúmeras pessoas mortas ou que estavam no exterior, os resultados apontavam para Gairy uma diferença de apenas 340 votos. Dos 15 postos na Assembléia Nacional a oposição elegeu seis parlamentares e Bishop se transformou em dirigente oficial da oposição parlamentar.

O regime, como a oposição, tirara experiências destas eleições. Por um lado, Gairy reforçava os organismos de repressão para tentar fazer frente ao movimento popular que se consolidava.

Já em 1976, Gairy estabelecia relações estreitas com o brutal regime de Papadoc no Haiti e Pinochet. Começou então a receber ajuda militar e barcos chilenos passaram a ser vistos freqüentemente no porto da ilha. Membros da polícia secreta são treinados no Chile e quando voltam começam as “desapropriações” de opositores do regime.

Por outro lado, se afirma no NJM, com a fraude, a convicção de que “a única conseqüência racional era começar a pensar mais seriamente em termos de uma organização revolucionária com o propósito de arrebatam o poder das mãos da ditadura” (Bishop).

Os anos posteriores são anos de crescimento da luta e organização do povo granadino, de consolidação do NJM como sua vanguarda, e de crescimento da repressão de Gairy.

O ano de 1979 começa com importantes greves de bancários pelo reconhecimento do Sindicato Geral dos Trabalhadores Bancários, cujo líder era Vincent Noel, um dos principais dirigentes do NJM. A patronal, com o apoio de Gairy que declara que “um punhado de comunistas querem tomar o controle de nossas instituições bancárias”, não reconhece este sindicato. A partir desse momento a polícia começa um fustigamento mais direto aos

partidários do NJM. Os carros e casas de dirigentes do NJM são sistematicamente revistados “buscando-se armas”.

Três fatores internacionais influenciam o movimento popular neste período: a existência de um governo popular na Jamaica, a derrota do imperialismo no Irã e o crescimento da luta sandinista na Nicarágua.

Em 10 de março, o NJM toma conhecimento de um plano de Gairy. Este viajaria para os Estados Unidos e, enquanto isto, sua polícia prenderia e assassinaria os dirigentes do NJM.

O plano apenas torna visível uma situação de fato. A pequena ilha não comportava mais um movimento popular revolucionário com crescente poderio e a ditadura de Gairy.

O POVO DE GRANADA SE LEVANTA EM ARMAS

Gairy viajaria dia 12 de março, descomprometendo-se com os assassinatos que seriam cometidos.

Maurice Bishop, Unison Whitman, Bernard Coard, Kendrick Radix, Hudson Austin e Vincent Noel, seriam os seis dirigentes visados. Porém quando a polícia invadiu suas casas, estes já estavam na clandestinidade.

“Tivemos que tomar uma decisão”, explicou mais tarde Bishop, “ ou esperávamos vingar os planos de Gairy, ou nos lançávamos nós à ofensiva e tomávamos o poder político em defesa do povo de nosso país”.

Dia 12 de março, o NJM já tinha elaborado seu plano de ataque. Dois dirigentes percorreram a ilha, pondo-se em contato com militantes-chave do partido.

As 22 horas desse dia, 46 lideranças do NJM se reuniram em uma colina próxima ao quartel de True Blue, ao Sul de St.

George's, a capital. Repassavam os planos, fazendo os acertos finais, e revisavam as poucas armas que tinham conseguido.

Quatro horas e quinze minutos da manhã de 13 de março, este punhado de revolucionários atacava o quartel militar. A surpresa e alguns poucos tiros foram suficientes para que os soldados se rendessem.

Os rebeldes levaram as armas e queimaram o quartel. Seguiram então para uma estação de rádio próxima que foi tomada sem maior resistência. Daí, às 6:30 da manhã, foi emitido um chamado à população a que se levantasse contra o regime de Gairy. Enquanto a Rádio Granada Livre assim batizada naquele momento, chamava a população a insurreicionar-se, os insurgentes se deslocaram pela ilha e, com apoio do povo, foram detendo os ministros e cúmplices de Gairy.

Os trabalhadores de St. George's, responderam ao chamado insurrecional parando seus lugares de trabalho e saindo às ruas. Nos povoados de todo o país, mesmo na pequeníssima ilha de Carriacou, manifestações de populares se verificavam em frente a postos de polícia. As mulheres batiam panelas e, uma por uma, foram aparecendo as bandeiras brancas nos diversos postos policiais. Pouco antes das 16 horas, rendia-se o principal quartel de polícia de St. George's. A insurreição era vitoriosa.

Dia 20 de março, uma semana depois, cerca de 20.000 pessoas (20% da população do país), se manifestavam no parque real de St. George's em apoio à revolução.

Perante 20.000 pessoas, Maurice Bishop apresentou a esta pequena multidão a "Declaração da Revolução de Granada", na qual se propunha à abolição formal do regime de Gairy. Quando foi posta em votação, 20.000 braços se ergueram de punhos fechados.

II – A REVOLUÇÃO

UMA PEQUENA, MAS DIGNA REVOLUÇÃO

13 de março de 1979: nascia uma nova nação.

Um pequeno povo, um pequeno país, que ignorando dimensões, havia decidido buscar o caminho de sua libertação. Viajando por diversos países da América Latina e do Mundo, quantas vezes ouvimos referências a dimensões para justificar omissões: “No Brasil não se pode fazer nada, com essas dimensões” ... “No Uruguai, imagine, meia dúzia de ‘mariners’ poderia controlar o país”. Na realidade, apesar de opostos, ambos argumentos têm uma coisa em comum. Ambos não compreendem que é impossível conter indefinidamente um povo que se dispõe a liberar-se... Independente de dimensões.

E o povo de Granada havia decidido liberar-se.

Uma decisão como esta era prenhe de conseqüências. Ela colocava em questão os interesses da maior potência do mundo.

Granada era a primeira revolução na América depois de Cuba. “Não haverá uma outra Cuba”, haviam dito, por 24 anos, os americanos. Granada era a demonstração de que os america-

nos, com toda a sua força, não eram imbatíveis. E isto teria um evidente impacto ideológico, não ao nível de massas, já que a imprensa imperialista bloqueava as informações sobre a ilha, mas sobre aquela vanguarda que nos montes e cidades da América Central combatia com armas na mão o imperialismo. Granada era uma revolução de negros onde a língua oficial é o inglês. Mais cedo ou mais tarde isto teria impacto sobre os negros daquele país, onde a estrutura de classes se articula também em raças. Granada desafiava o imperialismo no seu “quintal”. Justo no momento em que o imperialismo buscava recompor suas forças para retomar a iniciativa ao nível internacional. Granada é parte do Caribe, onde movimentos sociais agitavam as ilhas. Sua revolução aí, sem dúvidas, ecoaria.

A revolução de Granada era apenas o retrato de um processo de crescimento das lutas sociais que se desenvolviam no Caribe. E sua revolução teve o papel de acelerar este processo. Nas manifestações da região era comum o coro de Gra-na-da, Gra-na-da, Gra-na-da... E em Dominica, Jamaica e Santa Luzia, três pequenas ilhas, a pressão de massas levaria à ascensão de governos progressistas. Em Porto Rico, as lutas pela independência dos Estados Unidos se ampliam.

Ainda que os interesses americanos, especificamente em Granada, sejam pequenos, o valor econômico e político do Caribe para os EUA é enorme.

Em 1977, as inversões norte-americanas no Caribe – sem contar Porto Rico, a colônia americana – eram avaliados em quatro mil e quinhentos milhões de dólares. As companhias americanas controlam na área o refinamento de petróleo, as minas de bauxita, níquel e cobre, as indústrias petroquímicas, o açúcar, além de outras indústrias.

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

Mais de dois terços da bauxita utilizada nos EUA e 25% de suas importações de petróleo é refinado no Caribe. Soma-se ao anterior, o interesse político-militar-estratégico da localização das ilhas caribenhas, na confluência das três Américas.

Para proteger estes interesses, 30.000 soldados americanos estão estacionados na região do Caribe, além dos Estados Unidos possuírem aí cerca de uma vintena de bases militares navais e aéreas.

Os vínculos políticos entre Washington e Gairy tinham sido muito estreitos. Ao receber informes de que Gairy estava organizando uma força mercenária com respaldo dos EUA, o Governo Popular Revolucionário pediu garantias públicas de que os governos americanos, inglês e canadense não ajudariam Gairy. Enquanto os dois últimos deram garantias imediatamente, os EUA durante dez dias se negaram a fazê-lo.

Frente ao perigo de um ataque contra-revolucionário, o governo de Granada pediu ajuda militar e armas a vários governos estrangeiros e Cuba. Cuba prontamente se mostrou solidária a Bishop, e em 8 de abril de 1979 este declarava em uma manifestação: "Nós sabemos que os cubanos não são apenas nossos vizinhos caribenhos. Sabemos que em diferentes partes do mundo, especialmente nas lutas de liberação africanas, quando povos são mais pressionados e enganados, os cubanos acudiram para ajudá-los e combateram com eles para defendê-los". No mesmo dia Bishop anunciou que seriam estabelecidos vínculos diplomáticos e de outros tipos com Cuba.

Poucos dias após esse discurso, o departamento de Estado americano enviou um Embaixador com uma mensagem para Bishop: "Nós veríamos com desagrado qualquer tendência por

parte de Granada, de desenvolver vínculos mais estreitos com Cuba”.

Acostumado a que estas pequenas mensagens, sempre tinham poder suficiente para mudar os rumos da política dos diferentes países da América Central e Caribe, Carter não esperava maiores reações vindas de país tão pequeno como Granada. Mas na mesma noite Bishop foi à televisão, leu a mensagem e denunciou a intenção de interferência nos assuntos internos de Granada:

“... a ninguém, não importa quanto poderoso seja, vamos permitir que nos dite, ao governo e ao povo de Granada, com quem podemos ter relações amistosas e que tipo de relações devemos ter com cada país. Não passamos 28 anos de luta contra o regime de Gairy, e sobretudo os últimos seis anos de terror, para ganhar nossa liberdade e logo jogá-la ao lixo, convertendo-nos em escravos e lacaios de qualquer outro país. Não importa o quanto seja ele grande e poderoso...”

Mostramos que estávamos dispostos a morrer para conquistar a nossa liberdade. E estamos mais dispostos, agora que a experimentamos, a morrer para preservá-la.

Não estamos no pátio traseiro de ninguém. E definitivamente não estamos para ser comprados. Qualquer um que pense que nos pode amedrontar ou ameaçar, evidentemente não tem nenhuma idéia de que matéria de que matéria somos feitos.”

No dia seguinte se anunciou que Granada e Cuba haviam estabelecido relações diplomáticas.

Várias formas de pressão foram então utilizadas pelos EUA. As companhias petrolíferas norte-americanas reduziram o abastecimento de petróleo para Granada.

Em setembro de 1979, o Departamento de Estado norte-americano pressionou Granada para que esta não participasse na Conferência do Movimento dos Países não Alinhados em La Habana. Granada participou e em seu discurso Bishop afirmou que essa participação “era a resposta mais categórica a qualquer dúvida de que Granada aceitaria pressões e manobras que visassem socavar e dividir o processo de não-alinhamento”. Na mesma Conferência, Bishop denunciou a presença de tropas de 30.000 mariners na região, chamou à independência de Porto Rico e saudou o exemplo da revolução cubana.

Em outubro, Carter anunciou a formação de uma força rápida de intervenção baseada em Cayo Hueso, no estado da Flórida, para permitir a mobilização rápida de tropas americanas para o Caribe.

A resposta foi dada nas Nações Unidas, onde Bishop declarou: “O Caribe pertence apenas aos povos do Caribe. Rejeçamos os planos dos Estados Unidos de criar uma força militar para intervir na região e exortamos a comunidade internacional a exigir junto conosco a retirada desta proposta”.

Com pressões econômicas e políticas, Washington, no entanto, foi levando os governos das ilhas caribenhas a assumir uma postura hostil à revolução granadina. Na época se realizavam eleições na Jamaica e a CIA colocou aí em marcha seus famosos planos de desestabilização, seu poder econômico e seus meios de desinformação para eleger o governo pró-americano de Seaga. Restavam ainda Granada e Nicarágua, que comporiam como

Cuba, segundo o governo Reagan, um triângulo estratégico Naval no Caribe.

Cabia, portanto, para Reagan dar novos passos para liquidar a revolução nestes países.

“NOSSO CONFLITO NÃO É COM O POVO AMERICANO, MAS COM O SISTEMA IMPERIALISTA”

Ainda que no interior do país o NJM aprofundasse suas bases sociais e consolidasse seu poder, ao nível internacional restava a ameaça. E Granada era muito vulnerável para enfrentar a ameaça da invasão imperialista. Talvez, exatamente, este fato cristalino do caráter internacional do inimigo, da necessidade da unidade dos povos como única forma de combatê-lo com possibilidade de vitória, talvez por esta situação objetiva, é que Granada se desenvolveu um forte sentimento internacionalista.

Segundo Bishop, “é nosso dever apoiar e contribuir com todas as causas justas por todo o mundo. Parte de nossa dívida com a humanidade é o apoio a estas lutas”.

Dentro desta preocupação, em primeiro lugar, estava a solidariedade entre os povos da América Central e Caribe que haviam se libertado: Nicarágua e Cuba. Em segundo lugar a participação no Movimento de não-Alinhados, como um espaço de luta anti-imperialista. Em terceiro lugar, e o mais importante, a solidariedade com os povos em luta de todo o mundo. Privilégio aos povos caribenhos, da América Central e dos movimentos de libertação em países da população negra.

Ganha destaque ainda a solidariedade com os negros e com os trabalhadores americanos:

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

“No que concerne aos negros e às outras minorias oprimidas, nós temos grandes afinidades em função de nosso próprio passado e de nossa história. Existe um real sentimento de identidade cultural do povo de Granada com os negros dos Estados Unidos, e não temos nenhuma dúvida de que a recíproca existe. Nosso conflito é com o sistema imperialista. Nossa querela, por consequência, é com o governo americano, a presidência, o Conselho Nacional de Segurança, o Departamento de Estado, a CIA, os possantes grupos econômicos e os meios de comunicação a seu serviço... Eu queria dizer ainda, sem querer me imiscuir nos problemas dos Estados Unidos: eu recomendo aos negros americanos, com insistência, que desenvolvam os laços mais estreitos e sólidos de seu movimento com o movimento operário e com o movimento progressista branco”.

Esta posição ganha em Granada um conteúdo prático e de massas. Dia 27 de março de 1979, no Dia da Liberação Africana, centenas de granadinos se manifestaram em Vitória, a 20 quilômetros da Capital. “Nós, o povo de Granada Livre”, declarou então um representante do Governo, “devemos expressar nossa solidariedade com nossos irmãos e irmãs, não só dando-lhes apoio moral, mas também quando necessário, contribuindo com dinheiro, comida e outros artigos para ajudar sua luta”.

Quando a Insurreição Sandinista se desenvolvia na Nicarágua, o povo granadino acompanhou a atentamente. “É tarefa de todos os países do Caribe assegurar-se de que não haja intervenção militar estrangeira na Nicarágua” afirmava um jornal oficial do NJM.

O Governo Popular Revolucionário manifestou também seu apoio a Organização para Libertação da Palestina (OLP), e a frente POLISARIO que está lutando pela independência do Saara

Ocidental. Exortou aos Estados Unidos que devolvesse a Baía de Guantánamo, assim como apoiou a luta pela independência do povo porto-riquenho do domínio americano.

Apesar dos seus poucos recursos, Granada não se limitou apenas ao apoio moral. Milhares de dólares foram enviados ao povo sandinista e 25 mil dólares à Frente Patriótica de Zimbábwe. Apesar de necessariamente limitada, essa ajuda material concreta aos povos em luta é um símbolo do internacionalismo da Revolução de Granada.

UM PAÍS EMPOBRECIDO PELA PILHAGEM E PELA ESPECULAÇÃO

“A revolução não é como um ‘café expresso’ onde basta colocar a xícara e ela automaticamente se encherá. É impossível eliminar o efeito de 350 anos de denominação colonial dos inglês e 30 anos do imperialismo” afirmou Bishop certa vez para chamar a atenção das dificuldades do processo revolucionário granadino.

As principais fontes de divisa de Granada são a agricultura e o turismo. Seus principais produtos de exportação: a noz moscada, o cacau e a banana.

Perto de 80% das exportações eram para a Europa e a maiorias das importações vinham da Inglaterra. Foi exatamente este fato que dificultou as possibilidades dos EUA impor sanções econômicas diretas.

Até o final dos anos 50, os colonizadores mantiveram uma lei proibindo a construção de indústrias na ilha. Uma pequena indústria se desenvolveu, no entanto, apesar da política oficial ser de evita-la para manter dependência externa.

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

No começo dos anos 70 o número de trabalhadores urbanos já era mais significativo: quase 9% da força de trabalho.

Na época da revolução, a renda per capita, era de 300 a 400 dólares por ano¹. A taxa de desemprego chegava a 50%.

O regimes de Gairy deixou atrás de si um país empobrecido pela pilhagem, a corrupção e a má administração de várias décadas. Ainda que a ilha tenha um solo fértil, Granada importava mais da terça parte de seus produtos alimentícios.

Das 60 escolas primárias que contava a ilha apenas três estavam em condições de serem utilizadas. A maioria eram velhas, sem pintura, com teto cheio de goteiras em um país de chuvas torrenciais.

Quarenta por cento da população era analfabeta, as rodovias deterioradas e nos hospitais não havia raio-X e constantemente faltavam remédios. A maioria das casas, tirando os hotéis e casas de turistas e de uma pequena minoria de granadinos ligados aos interesses estrangeiros, eram pequenas casas de madeira sem água e eletricidade.

Quando o NJM tomou o poder, encontrou a tesouraria nacional quase totalmente vazia. O regime Gairy nem se dava ao luxo de organizar estatísticas econômicas mais elementares. O novo governo levou várias semanas para constatar quais eram os gastos e a receita do país. A dívida nacional era de aproximadamente 22 milhões de dólares². Granada e o Governo Revolucionário não contavam assim com recursos para implementar os planos e os amplos programas sociais que se fariam necessário para superar o

1 1.200 a 1.600 dólares por ano, em valores atualizados para 2023 (nota do editor).

2 Cerca de 100 milhões de dólares, em valores atualizados para 2023 (nota do editor).

atraso econômico da ilha e melhorar as condições de vida de seus habitantes.

Apesar das dificuldades, esta situação do país foi revertida em grande parte durante o curto período de quatro anos que viveu a Revolução Granadina antes da intervenção.

O crescimento do Produto Interno Bruto foi, nesse período, de 5,5%, período este onde mesmo as grandes potências imperialistas eram assustadas com o fantasma do crescimento zero. A taxa de desemprego, que era de 43% em 1979, caiu para, 14% em 1982, enquanto em outros países do Caricom (Comunidade Econômica do Caribe) a taxa de desemprego passava de 20%, apesar da imensa ajuda econômica americana.

O próprio FMI, que evidentemente não tinha nenhuma simpatia pela revolução granadina, reconheceu que cresceram os investimentos na ilha e que seu rendimento que era de 16 milhões de em 79, em 81 já eram de 35 milhões³.

“TERRAS DESOCUPADAS PARA MÃOS DESOCUPADAS”

Do ponto de vista econômico, o centro das preocupações dos novos dirigentes do país foram as transformações que deveriam ser desenvolvidas no campo.

Granada, antes da revolução, vivia um processo sócio-econômico que se voltara para uma forma radical de agricultura primitiva. Isto mantinha a população sob um regime de mão-de-obra barata, sem acesso à industrialização e a qualquer lucro que a terra trabalhada pudesse produzir.

³ Cerca de 64 e 140 milhões de dólares, respectivamente, em valores atualizados para 2023 (nota do editor).

A distribuição das terras se fazia de forma desigual (1/3 da terra fértil não era cultivada), e a mecanização era mínima. Outro fator dificultava o desenvolvimento da agricultura: o sistema de transporte e as péssimas condições das estradas.

Face a esta situação, já em 1973, os revolucionários que fundavam a NJM propunham o cultivo de alimentos locais, em grande escala, reduzindo ao máximo a importação. Para isto pediam a redistribuição das terras, em fazendas cooperativas de no máximo 40 a 50 acres.

Com a insurreição de 1979, a NJM se encarregou de concretizar seus planos implementando muitas reformas de interesses dos trabalhadores e agricultores, dentre as quais as reformas agrícolas.

Bishop não se cansava de enfatizar a importância na concentração de esforços no cultivo de alimentos, que viria a fixar bases para a industrialização, gerando estabilidade econômica, e consequentemente a continuidade do processo revolucionário.

“A agricultura e agro-industrialização nos ajudarão a criar mais empregos para o nosso povo e a economizar divisas que até agora foram utilizadas em importações desnecessárias. Desta forma nos tornaremos auto-suficientes, reduzindo os efeitos da inflação importada e estaremos mais aptos para sanar os efeitos devastadores da crise e da recessão das nações industrializadas em nossa economia.

Sendo Granada um país de bases agrícolas, o encaideamento desse processo tende a seguir-se naturalmente. Mas é a natureza revolucionária de nossa sociedade que vai assegurar que todos nós nos coloquemos dentro desta atitude por um maior desenvolvimento agrícola e industrial.”

É dentro deste espírito que se dá o processo de aumento da produção agrícola e das indústrias de processamento de alimentos, enlatados etc. Incluindo também o desenvolvimento do grande potencial pesqueiro da ilha.

Em 1980 é lançada a campanha “terras desocupadas para mãos desocupadas”. Essa campanha estimulava o aumento da produção nos diversos setores agrícolas: nas terras particulares, nas fazendas estatais e nas cooperativas.

O objetivo era minorar o desemprego (que diminuiu em 35% em dois anos), e estimular o comércio e a melhoria nos sistemas de transportes. Também o produtor era auxiliado com a implantação de programa técnicos da parte do Estado.

Em 1979, com o triunfo da revolução, 40% das terras produtoras, que haviam sido anteriormente da coroa inglesa, passando posteriormente à administração de Gairy, passam a fazer parte do Estado sob uma nova proposta de administração.

O capital arrecadado da produção destas terras é dividido da seguinte forma: parte é revertido para o salário dos trabalhadores, sendo o lucro dividido em 1/3 para os agricultores, 1/3 reinvestido e um 1/3 aplicado em construções, manutenção de escolas, estradas e outros projetos de desenvolvimento.

Esta forma de incentivo levou a um notável aumento na produção, chegando esta a dobrar em algumas fazendas.

Os trabalhadores, em seu segundo ano de revolução participam ativamente também dos processos de mudanças sócio-econômicas.

A AGWU (Sindicato dos Agricultores e Trabalhadores em Geral), em fevereiro de 1981 se reúne em assembléia com o comparecimento de mais de mil trabalhadores com o objetivo de discutir possíveis mudanças nas condições de trabalho. Desta

assembléia tirou-se um acordo com o governo, composto de 28 cláusulas, que traria benefícios substanciais aos trabalhadores das fazendas estatais. Esses benefícios incluíam um aumento de 25% nos salários, igualdade de remuneração para homens e mulheres, ajuda em tratamento de saúde e um plano de pensões nunca antes cogitado; melhores condições sanitárias, refeitórios, e água encanada; tempo de trabalho remunerado durante reuniões, seminários e outras atividades do sindicato.

As cooperativas são resultado de um novo programa instituído pelo governo, com o objetivo de envolver a população jovem em atividades de produção agrícola.

Enquanto a idade média dos trabalhadores agrícolas é de 50 anos, o índice de desemprego se concentra entre jovens de 19 a 25 anos. As cooperativas são então criadas, atraindo esses jovens e os agricultores camponeses em geral, na tentativa de lhes mostrar que esse tipo de organização pode proporcionar-lhes uma nova vida e uma produção mais eficiente.

O programa de cooperativas incentiva a formação de grupos de várias pessoas a se organizarem para o trabalho agrícola. Com a ajuda do governo, cada grupo organiza uma fazenda, dirigindo a coletivamente, e divide o lucro entre si.

Em 1981, existia já, cerca de 14 destas cooperativas agrícolas, a maioria delas composta de pequenas extensões de terra, de 3 a 15 acres.

Para auxiliar este processo, o governo criou a NACDA – Agência Nacional de Desenvolvimento Cooperativo. Esta agência participa da formação de fazendas cooperativas, como também em outros tipos de cooperativas tais como padarias, encanadores, carpintarias e cooperativas de pesca.

A NACDA tem uma participação fundamental na implantação do programa “Terras Desocupadas para Mãos Desocupadas”: localiza as terras que não estão sendo cultivadas, estuda as possíveis formas de adaptá-las ao programa e finalmente negocia com os donos das terras para a possível venda, aluguel ou empréstimo das terras. A terra é então entregue à cooperativa. A NACDA treina os jovens “cooperadores” nas principais práticas de direção das cooperativas. Promove também empréstimos com juros baixos para compra de sementes, fertilizantes e fomentos, além de assistência técnica e comercial.

Os principais produtos agrícolas comerciais tradicionais em Granada são banana, noz moscada e cacau.

Novos produtos como abóbora, beringela, repolho, cenoura e outros legumes e frutas estão sendo produzidos para consumo interno e exportação. Em 1980 Granada exportou pequena quantidade de alface, laranjas, *grapefruits* e mangas.

O governo procura desenvolver técnicas de irrigação o que ajudará Granada a produzir durante todo o ano. Procura também mecanizar a agricultura para o aumento de produção e eliminação de trabalhos desgastantes. A União Soviética doou três milhões de dólares para a compra desses equipamentos.

Existe uma escola de agricultura – Ribabeau Farming Training School – que em 1981 já tinha formado 50 novos agricultores, empregados em diferentes cargos do Ministério de Agricultura. O governo fornece ainda bolsas para jovens que queiram estudar agricultura no exterior.

Em dezembro de 1980, uma nova agroindústria foi inaugurada, no valor de EC\$ 1 milhão⁴ (US\$ 1 = EC\$ 2,64). É propriedade

⁴ Aproximadamente 1,5 milhão de dólares em valores de 2023 (nota do editor).

estatal e emprega 13 trabalhadores, produzindo sucos de frutas, geléias, molho de pimenta e ketchup, sendo capaz de processar cerca de 2 mil quilos de fruta por dia.

Há ainda a produção de café e estudos sendo desenvolvidos para o processamento de temperos. Através desses programas o novo governo revolucionário espera transformar Granada de um país que importa anualmente EC\$ 7 milhões⁵ em alimentos para um país auto-suficiente. Neste processo, ele espera mobilizar e inspirar as massas de Granada, mostrando ao povo as vantagens de um plano econômico que coloca em primeiro plano as necessidades humanas.

MELHORAR AS CONDIÇÕES DE VIDA NO PAÍS

As medidas tomadas no sentido de reorganizar a economia no campo são apenas aspectos de uma preocupação de conjunto para melhorar as condições de vida no país.

Uma das primeiras medidas do Governo Revolucionário foi impor o congelamento dos preços. Para garantir esta medida foi criado um Departamento de Controle de Preços, com o objetivo de julgar aqueles que violam esse congelamento.

Uma nova Junta Nacional de Importações tomou o controle das importações de arroz que eram monopolizadas por um punhado de comerciantes. O resultado foi, já no início de 1980, uma redução do preço do arroz em 8%. O mesmo foi feito com o açúcar e o cimento, e a redução do preço de ambos foi de cerca de 15%.

⁵ Aproximadamente 10 milhões de dólares em valores de 2023 (nota do editor).

Medidas saneadoras foram tomadas, com a redução dos salários ministeriais a um terço do que eram na época de Gairy.

As escolas começaram a ser reparadas pela população, as taxas escolares (secundário) caíram a 1/3 do que eram antes e uma Campanha Nacional de Alfabetização foi realizada. Mais da metade das escolas da ilha implementou um programa de almoços quentes a baixos custos e todas as crianças menores de cinco anos passaram a receber leite grátis.

A solidariedade de Cuba, que enviou médicos, dentistas e técnicos em saúde, permitiu que se ampliassem os serviços de saúde. Somente nos primeiros seis meses da revolução, cerca de 11 mil pessoas, 10% da população do país, receberam serviços médicos gratuitos

Além do anterior, esforços foram empregados no sentido da reparação dos caminhos da ilha; foram construídos vários centros comunais e feitos planos para levar eletricidade a toda Granada, inclusive pequena ilha do Carriacou, que é parte do país.

“Eu diria que existem três pilares essenciais em nosso processo revolucionário: em primeiro lugar está a organização e mobilização de massas. Ela é essencial, Sempre procuramos comprometer totalmente as massas em tudo que tentamos fazer, mantê-las plenamente comprometidas, dar-lhes condições de compreender quais são os problemas e para onde vamos. Em segundo lugar, temos a questão da segurança nacional, a consolidação de nossa defesa. E em terceiro, a construção de uma verdadeira economia nacional, que seja benéfica para o povo e melhore as condições de existência”. (Bishop)

Mas, antes de mais nada, o Governo Revolucionário se dedicou à tarefa de dismantelar o aparelho repressivo de Gairy, e a

organizar novas Forças Armadas para defender o país de ataques contra-revolucionários.

Nos primeiros dias da revolução, foram detidos cerca de 500 agentes de polícia, elementos do Exército, funcionários do partido e membros do governo de Gairy. Após o julgamento, a maioria foi posta em liberdade, restando presos apenas algumas dezenas dos mais comprometidos com a violência e exploração anteriores. A polícia foi depurada e seus poderes reduzidos jurisdição de infrações menores. A maioria dos policiais não porta armas.

O exército de Gairy e sua força paramilitar, a “Gang dos Mangostas”, foram dissolvidos. As leis repressivas, que restringiam a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião e o direito de greve, foram abolidas.

Para defesa da revolução foi conformada uma força, que um dirigente do NJM, Radix, chamou de “um exército de civis”: o Exército Popular Revolucionário (EPR). O EPR joga na Granada Revolucionária um papel vital na defesa de ataques contra-revolucionários. Os soldados colaboram também nas atividades de trabalho comunal – tais como a reparação de estradas – e têm ajudado a recolher dinheiro para diversos projetos, como por exemplo a compra de equipamento de refrigeração para os pescadores.

Compreendendo que é o povo quem poderá defender a revolução, organizaram-se milícias (10% da população participando delas) como uma força voluntária de civis armados. A essas milícias populares estava reservada a tarefa de patrulhamento da costa e de outras áreas vitais para a defesa do país.

Mas a fonte de poder, o que deu a dinâmica da revolução granadina, foi a mobilização de massas. As manifestações, os atos públicos, as conferências e outras reuniões, onde participam de al-

gumas centenas a quinze ou vinte mil pessoas, foram um aspecto constante da vida política da Granada Revolucionária.

Nos primeiros dias da revolução, o Governo Popular Revolucionário apenas conclamou os patrões a reconhecerem os sindicatos. Alguns o fizeram, porém outros continuaram se opondo à sindicalização. Os trabalhadores responderam com marchas e manifestações, e no dia 18 de maio de 1979, o Governo interveio, adotando o Ato de Reconhecimento Sindical. Por esse Ato os patrões foram obrigados a reconhecer e dar segurança às lideranças de qualquer sindicato que demonstrasse ter o apoio de mais da metade dos empregados da empresa.

O número de sindicalizados cresceu de 30% da população urbana a mais de 80% nos primeiros seis meses da revolução.

Nas áreas rurais, já nos primeiros dias da revolução começaram a se organizar Conselhos eleitos pelos trabalhadores nas propriedades agrícolas.

O processo de organização se desenvolve também por setores, como a Organização de Mulheres, o Conselho Nacional de Estudantes ou as brigadas de trabalho comunal.

UMA REVOLUÇÃO QUE NÃO EXCLUI AS MULHERES

Em 13 de março de 1979, quando o povo toma as armas para a insurreição, havia no Exército Revolucionário do Povo apenas uma mulher.

Em 19 de junho de 1980, terroristas fizeram um atentado a bomba, matando três mulheres.

Nos dias seguintes ao atentado, mulheres se incorporaram em massa. Com isto, as mulheres passaram a representar mais de 50% dos voluntários milicianos.

A pequena Granada podia ser considerada, poucos meses após sua revolução, como um dos lugares do mundo onde mais se respeitava o direito das mulheres, comparável aos países mais avançados em matéria de leis que asseguram a igualdade entre sexos.

No antigo regime de Gairy, as mulheres eram fortemente discriminadas: 69% das mulheres entre 15 e 30 anos eram desempregadas e a exploração sexual era tal que, na cidade, para conseguir um emprego, as mulheres teriam que dormir com oficiais do governo. Com a tomada do poder pelo NJM, os patrões ou funcionários responsáveis por fustigamento sexual contra trabalhadoras passaram a correr o risco de serem presos ou despedidos de imediato. No campo, o trabalho na agricultura era o mesmo para homens e mulheres, mas o salário desigual. Para organizar sua luta, as trabalhadoras criaram a Organização Nacional das Mulheres do NJM.

Antes da promulgação de cada nova lei, todos os homens e mulheres da ilha são consultados e essa organização submete a crítica todos os resquícios de sexismo contra as mulheres. Um exemplo foi a modificação da lei de creches, na qual antes era previsto que mulheres descasadas perdiam o direito de deixar suas crianças em creches. A posição do partido foi de que mulheres e crianças deviam ser tratadas igualmente, independente de continuarem casadas. O sindicato dos professores foi consultado e a maioria concordou que se constituía em discriminação.

Outras reivindicações foram ainda transformadas em conquistas: melhorou-se a saúde, a educação, assegurou-se o emprego de mulheres que estavam grávidas e foram criadas mais creches, no sentido de facilitar a vida de mães que trabalhavam.

Como resultado disto, ampliou-se a participação das mulheres nos programas nacionais. Um ano e meio após a criação da Organização de Mulheres, a pequena ilha já contava com vinte e três grupos de mulheres. Abriam-se assim as portas de novas perspectivas às trabalhadoras, inclusive de trabalho, onde as mulheres já começaram adotar certas profissões como encanadoras, carpinteiras etc., profissões que antes eram tidas como essencialmente masculinas.

“Rádio Granada Livre” ... Após anunciar o prefixo, os locutores iniciam uma explicação didática sobre a necessidade de os trabalhadores respeitarem o direito de igualdade das mulheres. O comentário termina discutindo a necessidade de os trabalhadores dividirem o trabalho doméstico com as mulheres: “Em uma revolução onde se luta por igualdade e justiça, também em casa deve haver igualdade”.

Um pequeno exemplo do papel educativo da rádio oficial e seu compromisso de lutar contra todas as formas de opressão e exploração. Papel educativo que se reflete em toda a sociedade granadina.

Também quanto à preparação política, existe uma intensa atividade. As organizações de massa desenvolvem seminários, debates e reuniões com o objetivo de aumentar o nível cultural e a consciência dos trabalhadores. Os dirigentes e lideranças, em seus discursos, da mesma maneira que os meios de comunicação social, demonstram constantemente sua preocupação educativa.



As mulheres passaram a representar mais de 50% dos voluntários milicianos



*Helicóptero norte-americano abandonado na praia, após a invasão:
a resistência surpreendeu o invasor*

III – A INVASAO E A RESISTÊNCIA

“UM PEQUENO PAÍS QUE RESOLVEU LIBERTAR-SE...”

E esta revolução que tomou a dimensão de sonho para ser real, através de sua dignidade moral começava a crescer e se tornar perigosa. Não porque tivesse um significado econômico, ou um poder militar, mas por sua pureza, sua radicalidade, seu companheirismo, seu internacionalismo... sua dimensão de sonho:

“um pequeno país, com apenas 110 mil habitantes, que resolveu libertar-se...”

E o torniquete começou a ser apertado.

Após ver seus bilhetes *maledicadamente* recebidos pelo Governo Popular de Granada, que renitentemente insistia em não deixar que as ameaças influíssem em suas decisões, o governo americano deu a primeira volta: pressão política econômica.

Para sobreviver, Granada buscou a solidariedade dos países não alinhados e do bloco socialista, particularmente, Cuba.

Deu-se a segunda volta.

Ações de sabotagens. As mais importantes se verificaram em 19 de julho de 1980 visando assassinar membros da direção

do NJM que resultou em vários populares mortos. Para defender a revolução se desenvolveram as milícias populares e se aprofundou o comprometimento popular com o processo revolucionário.

Deu-se a terceira volta.

Desinformação como política oficial.

A revista americana "Mother Jones" setembro/outubro de 1983, artigo "Nossas férias em Granada":

"Se você é como nós, você ainda não deve ter conseguido dormir em paz desde que o presidente Reagan, nos preveniu na primavera, em rede de televisão, que novamente uma ameaça à segurança nacional se apresentava no Caribe. Desta vez através da minúscula nação de Granada, que com seus 344km², comporta mais coqueiros que residentes. Reagan, mostrou fotos do novo aeroporto internacional de Granada em construção, tiradas por seus satélites espões, de longo alcance. A acusação era de que o aeroporto não estaria sendo construído para o desenvolvimento turístico da ilha, mas para ser usada como uma base aérea cubana. Do ponto de vista da 'onisciência' de Reagan, o projeto da pista de pouso por sua dimensão, era uma indicação da militarização cubano-soviética.

Nos dirigimos para Granada para dar uma olhadinha em primeira mão na ilha tropical, já conhecida pelos seus temperos e por um ex-ministro que pensava criar uma pista de pouso de OVNI's. As provas da influência cubana foram imediatas: nós fomos recebidos, na chegada, com ponchos de rum (típicos de Cuba). A estrada para o hotel se mostrava decoradas com grandes painéis contendo slogans revolucionários 'provocativos' tais como, 'Agricultura, o motor da economia'.

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

Embalados em ponchos de rum, perguntamos pelo novo altamente-secreto-aeroporto-base-militar-comunista. Não exigimos que nos mostrassem suas dependências de satélites espões.

Para nosso espanto, eles nos convidaram cordialmente a visitar todas as dependências e projetos em construção. Tiramos todas as fotos de 'curto e longo' alcance que pudemos desejar. Nos disseram que o aeroporto vem se tornando uma atração turística, e que a população local gosta de aí, fazer piqueniques nos fins de semana.

Quando chegamos, encontramos realmente vários cubanos-pedreiros que trabalhavam na construção do aeroporto. Encontramos também, estudantes americanos de medicina, fazendo ginástica na pista de pouso. Vigiados apenas por vacas que pastavam. (A escola de medicina de Granada, com centenas de estudantes americanos, fica a 'um pulo' do aeroporto).

O motorista de nosso micro-ônibus nos levou a um passeio pela pista a 40km/hora, ziguezagueando entre os tambores de óleo, sob os olhares divertidos, tanto das vacas, quanto dos cubanos.

O novo aeroporto é um projeto que mobilizou o governo revolucionário estes quatro anos, e motivou a sua população. Não são necessárias fotos espãs para se saber por quê. O atual aeroporto, localizado a uma hora da capital da ilha e de seus hotéis principais, através de uma estrada esburacada. É tão diminuto e antiquado, que somente pequenos teco-tecos podem aterrizar aí. E mesmo assim, com tempo bom e durante o dia. Todo passageiro internacional que chega ou sai de Granada, é obrigado a fazer conexões va-

garosas e tortuosas em aeroportos das ilhas vizinhas. Muitas destas ilhas têm grandes pistas de pouso (com as dimensões do aeroporto de Ponta Salinas), capazes de receber grandes jatos. Isto não significa apenas um transtorno no transporte granadino, mas interfere também na indústria de turismo, uma das chaves para seu desenvolvimento futuro próximo.” (CLARK NORTON).

Bishop:

“Por isso uma das nossas principais palavras de ordem continua sendo: venham ver por vocês próprios! Estamos convencidos que nossa melhor propaganda, é que as pessoas venham ver por si próprias. Esta manhã, abri a Conferência de Saúde da Comunidade Caribenha e falei com alguns ministros dos países que participavam. Todos comentavam que após ver e ouvir todas as rádios e canais de televisão de seus países, eles não podiam acreditar que estavam em Granada. Uma moça de Barbados, nos contou que há duas semanas havia escutado uma rádio desta ilha, que explicava que os trabalhadores cubanos na construção estavam permanentemente vestidos de uniformes de campanha e carregavam armas AK-47 nas costas. Que os ministros do governo revolucionário também se vestiam desta maneira; que crianças de 8, 9 e 10 anos passeavam armadas na rua e iam a escola, armadas; que o país estava dividido por uma guerra civil; que barricadas tinham sido erguidas em toda uma parte da ilha pela população e que populares diziam que só as retirariam quando os cubanos fossem embora e quando todos os prisioneiros fossem libertados. É claro que estas estórias são apenas fruto da imaginação e que ela estava muito feliz de constatar isso por ela mesma.”

Um último aperto começou a ser preparado.

Pouco após as tentativas de assassinato dos dirigentes do NJM em 19 de junho de 1980, Bishop afirmava:

“Quando nós lemos a história de Allende, aprendemos que três meses apenas antes do golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, houve uma última tentativa de assassiná-lo. É, portanto, perfeitamente possível que da mesma forma aqui esta tentativa de assassinato seja o prelúdio de uma invasão de mercenários. Isto porque fracassaram todas as tentativas do imperialismo de criar uma base social no interior de Granada para a contra-revolução”.

AS CONHECIDAS PRÁTICAS DA CIA

Desestabilização, desinformação, boicotes, pressões, variáveis que em proporções diferentes, sempre compõem os planos da CIA.

Angola, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e em tantos outros lugares onde o imperialismo esteja presente e o povo tenha conseguido ampliar seus espaços, em todos estes lugares, estas práticas foram precursoras de golpes. Quando a base interna era frágil, precursoras de invasões.

Menos de um ano após a revolução granadina os planos de intervenção já estavam preparados. As grandes operações no Caribe, “Ocean Venture’”, tinham mesmo servido como “ensaio geral”. Agora tratava-se de esperar o momento. Ou de provocá-lo...

As pressões e ameaças diminuam os limites de manobra. O imperialismo americano montava na América Central e no Caribe um imenso aparato para intervenção. Frotas aero-navais americanas se deslocavam na região. Organizando um golpe na

Guatemala, os EUA tinham conseguido reorganizar seu esquema militar na região. Com Guatemala, El Salvador e Honduras se poderia tentar reorganizar o CONDECA (Conselho de Defesa Centro-americano) e jogá-lo contra os povos nicaraguense e salvadorenhos, Honduras se transformava em uma imensa base militar americana...

Perante a ameaça crescente de invasão, a busca de colocar-se sob a asa de um outro país, é urna tentação. "Já que não temos força, tal país poderia defender-nos". Esta atitude, ou a busca de uma saída política; buscando isolar a possibilidade de os EUA intervir. Duas possíveis saídas que se colocam nesta situação.

Natural, portanto, que surgissem diferentes posições no NJM, sobre como enfrentar a situação. Naturais, portanto, que ocorressem lutas políticas na Direção do Partido.

Ainda neste semestre, Bishop realizara um giro internacional buscando apoio político. Nos EUA, não foi recebido por Reagan. Demonstrava-se que estavam dispostos a jogar a carta do confronto.

Não podemos ainda analisar friamente os sucessos anteriores à invasão, e da morte de Bishop. Conhecemos demais as grandes Agências Imperialistas, que tinham o monopólio de informações sobre Granada, para saber que como pode ter acontecido algo parecido pode ter acontecido algo completamente diferente. E sobre Granada, já verificamos o tipo de desinformação que faziam. Particularmente numa situação onde toda informação provém exclusivamente do Exército Americano de Ocupação.

Mas podemos entender, salutar inclusive, que existissem divergências no interior do NJM. Errado que estas divergências

adquirissem o caráter de confronto, divisão, abrindo a brecha para a invasão imperialista. Mesmo que tivessem agido provocadores da CIA, instigando a divisão e provocando as explosões. Aqueles que se propõem a dirigir um povo revolucionário, não podem cair nestas artimanhas, as quais constantemente tomamos conhecimento, apenas lendo as páginas internacionais dos jornais ou livros de história.

OS MARINERS DESEMBARCAM

23 de março de 1983.

O NJM denuncia estar em preparação um plano de invasão dos EUA com a participação de exilados cubanos e nicaraguenses. E o Exército Popular Granadino é posto de prontidão.

16 de agosto de 1983.

Reagan declara: "A América é o coração de leão da democracia. Temos a obrigação de dar-lhe não apenas voz, mas mesmo um rugido ocasional".

16 de outubro de 1983.

Antes, portanto, dos confrontos internos na ilha de Granada a marinha americana noticia que o porta-aviões Coral Sea, acompanhado de uma escolta de quatro torpedos e duas fragatas chega ao Caribe (70 aviões e 5.731 homens) para "manobras de treinamento".

21 de outubro de 1983.

Uma nova força tarefa americana liderada pelo porta-aviões Independence e transportando 2.000 mariners, se dirige à Granada "a fim de dar proteção aos aproximadamente 1.000 americanos que moram na ilha". Acompanham porta-aviões, o porta-helicópteros Saipan e mais oito navios escolta.

22 de outubro de 1983.

O NJM denuncia que Granada “está em perigo de ataque a qualquer momento dos próximos dias. Os supostos riscos que corriam cidadãos americanos, eram uma desculpa para a invasão, planejada, pelos Estados Unidos”. Ao mesmo tempo, o NJM informava que “seis diplomatas americanos, ingleses e canadenses, e cinco de outros países estavam autorizados, recebendo passes, para se movimentar por toda ilha, mesmo durante o toque de recolher”.

23 de outubro de 1983.

O contra-torpedeiro inglês “Astrin”, que participou na guerra das Malvinas, tendo a bordo 33 oficiais e 438 tripulantes e acompanhado de outro barco, dirige-se à Granada.

De Havana, Fidel Castro, envia uma mensagem ao Presidente Reagan onde o governo cubano sublinha sua “disposição de não intervir nos assuntos internos granadinos e propunha manter contatos para cooperar com a segurança, tanto dos americanos quanto cubanos residentes em Granada”. A resposta dos Estados Unidos chegou três dias depois. Três horas após a invasão, dizendo que suas tropas “não tinham como objetivo o pessoal cubano e que se dispunham a colaborar com sua saída”.

No mesmo dia alguns chefes de governo da CARICON, em sua reunião onde não participava Granada e nem mesmo todos os outros países da região resolve excluí-la da Comunidade, suspender o intercâmbio comercial e financeiro além dos contatos aéreos e marítimos com a ilha.

24 de outubro de 1983.

O “New York Times” publica uma carta de vários dos 1.000 estudantes americanos de medicina em Granada, afirmando que nada tinham sofrido e que Reagan não devia se intrometer.

GRANADA: um pequeno povo que resolveu libertar-se...

No mesmo dia, notícias de Barbados, ilha próxima à Granada: chegavam os primeiros americanos que queriam sair de Granada, retirados pela embaixada dos EUA. Ao mesmo tempo chegava a Barbados um jato DC9 e três helicópteros da marinha americana, cheios de soldados.

Chegavam soldados também de Santa Lúzia, Antígua e Jamaica, segundo um coronel do Exército barbadense, “para um exercício de treinamento”

Ainda neste dia, o Governo Revolucionário de Granada envia dois telex diplomáticos:

O primeiro – ao governo da Inglaterra, pedindo ajuda perante a “iminente invasão estrangeira”.

O segundo – ao governo dos Estados Unidos, “garantindo a integridade dos americanos residentes em Granada e se dispondo inclusive a permitir que aviões americanos pousassem na ilha para retirar os que quisessem sair”.

O primeiro não foi respondido porque “chegou ao Governo inglês depois de consumada a invasão” pois o telex havia ido parar “por engano” na empresa sueca Scamplast, de material plástico (sic). O segundo telex chegou no dia anterior à invasão de Ronald Reagan, pela manhã e às seis da tarde Reagan assinou a ordem de invasão de Granada. À meia noite o telex foi respondido, através de telegrama, mas não pôde chegar a Granada por que as comunicações foram interrompidas as 5:30 min... pela invasão americana.

25 de outubro de 1983.

A invasão iniciou-se às 5:40 com 900 fuzileiros navais sendo desembarcados no aeroporto Pérola, no Norte, por helicópteros. Ao mesmo tempo, mil soldados do 75º Regimento de Rangers foram lançados de para-quedas em Ponta Salinas. A frota ameri-

cana, ancorada próxima à ilha era composta por 12 navios, pelo porta-aviões Independence, pelo porta-helicópteros Guam e por vários navios-escolta e unidades anfíbias de combate. O submarino nuclear “Stonewaal Jackson”, equipado misseis balísticos, estava ancorado “em Barbados em visita de amizade”.

Os helicópteros dos “mariners” foram recebidos com fogo antiaéreo, logo “silenciado” por um avião AC 130 de transporte, mas equipado com um canhão capaz de disparar 6 mil vezes por minuto, segundo revelou à AFP em Washington um oficial do Pentágono. Somente depois disso é que o contingente simbólico das ilhas do Caribe Oriental foi desembarcado, também por helicópteros americanos.

Em terra, a força de intervenção procurou assegurar o controle sobre os dois helicópteros, a Escola de Medicina – onde estavam os cidadãos americanos –, a central elétrica e as instalações da rádio Granada Livre. Esta denunciou a invasão minutos mais tarde, quando um locutor com a voz excitada exortou a população a “bloquear as estradas e usar de todos os meios para deter os inimigos”. Pouco antes que as instalações da emissora fossem ocupadas, os funcionários fugiram, passando a transmitir de outro local.

As primeiras informações liberadas pelo governo dos EUA indicavam que as baixas tinham sido mínimas e a operação um total êxito. Mais tarde, no entanto, funcionários do Pentágono admitiram à UPI que a resistência era “maior que a esperada, devido à presença de soldados cubanos na ilha”. No entanto, em Havana, o vice-chanceler Ricardo Alarcón desmentiu categoricamente a presença de soldados cubanos em Granada, dizendo que resistência à “traíçoira invasão” era obra de 500 médicos, técnicos e operários, juntamente com um punhado de assessores militares.

Alarcón acrescentou que os cubanos “resistiram heroicamente” a sete horas no aeroporto e cediam suas posições quando ficavam sem munição. Segundo o vice-chanceler, os cubanos lutavam sob “condições tremendamente adversas” e enfrentavam “forças superiores apenas com armas leves que lhes haviam sido proporcionadas pelo governo de Granada para sua proteção”.

Na capital, St. George’s, durante todo o dia ocorreram tiroteios. A resistência dos granadinos se concentrou, segundo a agência Reuters, em torno do palácio e do Forte Frederick.

AS “RAZÕES DA INVASÃO”

É um pouco difícil descrever e comentar as argumentações do Governo Reagan para invasão de Granada, dadas as contradições entre seus diferentes representantes e mesmo, a sua mutabilidade, conforme as contestações foram sendo feitas. Mas tentaremos dentro do possível.

Um argumento forte, segundo Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, foi “a segurança dos americanos na ilha”. Este argumento foi contestado pelos depoimentos destes próprios “reféns potenciais” e pelo Reitor da Faculdade de Medicina de Granada (onde estuda a maior parte deles), Charles Modica, em seu escritório de Nova Iorque: “a invasão foi um grave erro que pôs em perigo a vida de americanos que não estavam ameaçados e não corriam perigo algum”.

Este argumento começou então a passar a segundo plano em relação a outro: “Cuba estava transformando Granada em uma base militar”.

As provas: o aeroporto de Ponta Salinas, os armamentos encontrados e a “resistência de uma força militar cubana na ilha”.

Pouco após a invasão, uma notícia surpreendente sobre o aeroporto construído por cubanos; a empresa responsável pela construção do aeroporto era uma firma britânica, a “Plessey Airports” que desmentiu as acusações americanas de que o campo de pouso seria usado para fins militares. A firma, cujo contrato de 9 milhões 900 mil dólares⁶ com o Governo da ilha foi subscrito pelo Governo britânico, fez uma lista de 11 instalações obrigatórias em uma base militar e disse que nenhuma foi construída em Ponta Salinas.

O aeroporto foi constituído segundo critérios puramente civis – declarou Tony Devereux, da Plessey, ao explicar que um aeroporto militar teria sido equipado com depósitos subterrâneos, hangares capazes de resistir a ataques aéreos e uma torre de controle igualmente protegida.

Dezoito chefes de construção e engenheiros britânicos, contratados pela Plessey, dirigiam os trabalhos efetuados por operários granadinos e cubanos, mas “nada nos permite pensar que os cubanos fossem militares”.

A descoberta, segundo Reagan, “de quatro depósitos, cada um com 70 metros de comprimento, cheios até o teto, de armas cubanas e soviéticas, entre elas armamentos anti-aéreos, metralhadoras e morteiros de 82 milímetros”, uma grande prova da “militarização da ilha”, foi desmentida por um dos primeiros jornalistas que conseguiu entrar na ilha, Loren Jenkins, do Washington Post. Segundo ele, “apenas três destes depósitos continham armas, os outros guardavam motores para caminhões, uniformes, sardinhas e diversos mantimentos”. Nos depósitos com armas que, segundo Jenkins, não estavam “repletos”; “havia vários fuzis AK-47, mas

⁶ Aproximadamente 40 milhões de dólares em valores de 2023 (nota do editor).

também armas leves como revólveres usados pela Polícia Colonial britânica antes da II Guerra Mundial, fuzis ingleses da época da Guerra da Coreia (1950/53) e até alguns fuzis com data de fabricação impressa de 1870”.

“Armas e munições que certamente pertenciam aos milicianos”, afirmou o vice-ministro de relações exteriores de Cuba, Ricardo Alarcón. “Eles estavam se preparando face as ameaças de invasão. E os acontecimentos mostraram que tinham razão em fazer estes preparativos”.

Outra afirmação de Reagan e do Pentágono, de que a resistência armada em Granada está a cargo de soldados cubanos, também foi parcialmente contestada por Jenkins que junto com outros repórteres americanos, ouviram de camponeses refugiados na cidade; “que são milicianos granadenses que estão escondidos na selva e organizando a resistência às tropas invasoras”.

“Havia mais de 1.000 cubanos na ilha, talvez o dobro do número admitido pelo presidente Fidel Castro (este anunciara cerca de 700 cubanos). Na verdade, trata-se de um batalhão de engenharia comandado por um coronel, numa presença militar comparável a Angola e Etiópia”, afirmara o porta voz da Casa Branca Larry Speakes.

Para justificar o fato de não conseguir controlar a situação na ilha, os números cubanos aumentavam. A cadeia de televisão CBS, dia 27 de outubro anunciava que havia pelo menos 1.000 cubanos presos, e que cerca de 500 cubanos mais, eram os responsáveis pela resistência que ainda existiria. Dia 29, uma nota oficial de Havana afirmava que “havia 784 cubanos na ilha, dos quais 85 estão na sua embaixada e 683, incluindo os feridos, caíram prisioneiros segundo admitira os EUA perante Cuba. Restam,

portanto, apenas 61 cubanos de que não temos conhecimento onde estão, incluindo aí os mortos”.

Dia 30, talvez pensando que teriam logo que prestar contas a opinião internacional sobre onde estavam os outros cubanos de que falava, o Departamento de Defesa americano dizia que “aproximadamente 750 cubanos estavam em Granada quando da invasão”. Esta nova estimativa (o número de que falavam os cubanos desde o início), segundo Washington, “foi feita por uma leitura mais cuidadosa dos documentos capturados ao Governo ao Governo Popular de Granada pelos americanos”.

UMA VITÓRIA MILITAR QUE ENCOBRE UMA DERROTA MORAL

“Um enorme erro político”, afirmou Fidel Castro em Cuba ao saber da invasão de Granada. O presidente cubano disse que “Washington aproveitou a oportunidade para arrasar um símbolo, porque Granada é um país tão pequeno que não significa nenhum perigo para os Estados Unidos. A vitória militar dos EUA significa uma derrota moral.”

Essa derrota moral, se manifestou através do repúdio internacional à intervenção. Países tão diversos como a Índia, Nova Zelândia, Austrália, Uganda, Peru, Bolívia, Venezuela, França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Guiana e Itália se manifestaram prontamente denunciando e caracterizando a ilegalidade da invasão americana. Na Organização dos Estados Americanos (OEA), instrumento dócil tradicional dos Estados Unidos, a maioria dos Estados membros condenou a intervenção militar em Granada. Os representantes da Bolívia, Colômbia, México, Peru, Argentina, Equador, Haiti Bahamas, República Dominicana, Venezuela e Brasil

questionaram a base jurídica apresentada pelos Estados Unidos para a invasão. Mesmo no CARICON (Comunidade Econômica do Caribe) se manifestaram fortes oposições. O Primeiro Ministro de Trinidad-Tobago, e presidente do CARICOM, George Sanders, criticou vivamente a invasão e alertou a opinião pública internacional para que não se confundisse com as notícias de que se trata de uma intervenção decidida pelos países da região, “pois essa iniciativa não contou com um consenso regional”. Além de Trinidad Tobago se opuseram Guiana, Belize e Bahamas.

Segundo a revista VEJA um advogado do Departamento de Estado Americano admitiu que a “única folha de parreira disponível para encobrir nossa vergonha era obscuro Tratado da Organização dos Estados do Leste do Caribe Oriental, e mesmo assim era uma folha furada”. Isso porque as decisões da organização precisam ser tomadas por unanimidade, e três delas não foram convidadas a participar das deliberações que levaram ao pedido formal da Organização: Saint Kitts-Nevis, Montserrat e a própria Granada. Além disso, uma intervenção só se poderia justificar por uma agressão externa, e Granada não agredira nem ameaçara agredir qualquer de seus vizinhos.

O presidente do CARICON acusou ainda os seis países caribenhos que enviaram tropas à Granada acompanhando a força americana, de terem “desrespeitado o princípio, ratificado por eles próprios e pelos demais integrantes do CARICON, que condena o uso do recurso da força como solução de disputas regionais”.

Enquanto isto, o embaixador de Granada perguntava na ONU: “Que estágio atingimos neste mundo; em que um país não pode mais estabelecer suas políticas sem a imposição de outro país muito maior, milhares de vezes o tamanho de nosso país, para dizer-nos, pela força, o que devemos fazer?”

No Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos usaram seu direito de veto para bloquear uma resolução apresentada pela Nicarágua que denunciava a invasão de Granada. Não é a primeira vez que os Estados Unidos usam o seu direito de veto. Mas neste caso ele não veta a condenação de regimes com Israel ou África do Sul, mas a condenação de sua própria intervenção.

No entanto os EUA não puderam impedir que a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovasse por 108 votos contra 9 e 27 abstenções, uma moção proposta pela Nicarágua e Zimbabwe que “deplora profundamente a invasão de Granada por forças militares estrangeiras e reclama a retirada imediata de todas as tropas da ilha”. Uma emenda de última hora, proposta pela Bélgica também aprovada acrescentando “a necessidade de realização de eleições livres em Granada o mais cedo possível. Os nove que votaram contra a moção são, além dos Estados Unidos e os seis países que participaram da invasão, apenas os representantes de El Salvador e Israel.

Além dos protestos oficiais de governos, manifestações de massa se verificaram em Madrid, Barcelona, Dijon, Valência, Calcutá e em praticamente todas as grandes cidades do mundo. No Rio de Janeiro mais de mil pessoas, personalidades, representantes de partidos e entidades responderam ao chamado do Comitê de Solidariedade aos Povos Latinoamericanos (COSPLAM), realizando manifestação em frente ao Consulado norte americano.

Enquanto se manifestava o repúdio à intervenção ao nível internacional, Cuba e Nicarágua procuraram ampliar ao máximo a “derrota moral” do imperialismo americano. No interior de seus próprios países, a invasão americana em Granada foi transformada em um instrumento de amadurecimento da consciência da população e de sua capacidade de organização para defender a

revolução. A resistência tenaz dos cubanos que eram atacados por americanos em Granada buscava dar uma pequena amostra do que poderia significar uma invasão à Cuba. O Partido Comunista criou em Cuba, imediatamente após a invasão, “tribunas abertas” nas praças das principais cidades do país para que os populares pudessem discutir a situação criada pela ação americana no Caribe.

Na Nicarágua, da mesma maneira, a intervenção americana serviu para a população, como uma comprovação das denúncias feitas pela Frente Sandinista de que a possibilidade de uma invasão à Nicarágua é bastante concreta. Com isso ampliou-se a participação das massas trabalhadoras nas milícias e nas organizações de massa; o governo revolucionário e o exército popular começaram a organizar planos de comunicações e abastecimento para serem acionados caso o país seja obrigado a viver uma ocupação militar americana. Da mesma maneira, com objetivos de isolar politicamente as iniciativas intervencionistas de Reagan, Sergio Ramirez (Membro da Junta de Governo da Nicarágua), afirmou que “o imperialismo norte-americano, com mais de 3 mil homens de suas melhores tropas especiais, não conseguiu dominar à ilha de Granada. Isso demonstra que já podem antecipar o que acontecerá na representação final dessa peça de teatro, se se atrevem a invadir nosso país”.

A POLÍTICA HOLLYWOODIANA DE REAGAN

“De modo algum isso afetou o meu café da manhã de hoje”, disse Reagan, ao comentar a condenação da Invasão de Granada adotada por um voto maciço da 38ª Assembléia Geral da ONU. Essa serenidade e impassibilidade de Reagan perante o desgaste que seu governo sofreu a nível internacional só é explicada por-

que o público que ela visava era principalmente a opinião pública americana. Afinal, o próximo ano é de eleições.

Câmera... Ação!

A mocinha ergue a voz. Billy levanta-se, o olhar penetrante, enquanto ouve os gritos de Mary. Três passos firmes e ela sente suas mãos musculosas apertarem-lhe os ante-braços. Resiste, mas vê os lábios de Billy aproximar. Um "zoom", e as mãos crispadas de Mary, gigantescas sobre a tela, distendem-se suavemente e começam a afagar-lhe os cabelos...

Os homens além de refletir a prática social de sua época, refletem de maneira particular a sua prática específica. Natural, portanto, que Reagan representasse o modo de pensar e agir dos americanos das classes dominantes, mas particularmente também a sua prática como astro, sem grande fulgor, é claro, do cinema hollywoodiano de sua época.

Setores das classes dominantes americanas, em particular o Partido Democrata, consideram que os Estados Unidos devem buscar atuar de forma mais "política", leia-se mais disfarçada, como meio de manter a sua hegemonia ao nível internacional. Consideram que os Estados Unidos vivem uma crise econômica em um mundo também em crise, para bancar sozinho o papel de polícia da ordem capitalista internacional, consideram que uma política agressiva, de intervenção aberta, só serve para radicalizar os processos políticos de libertação nacional, jogando-os nos braços do socialismo. Levantando a memória do Vietnã, pensam que o povo americano não aceitava mais ver voltar de navios ou descer de aviões, caixões negros trazendo seus filhos mortos de um país que sequer conhecem.

Mas Reagan não pensa dessa maneira, como ator aprendera a conquistar sua audiência através da demonstração de força, de virilidade, de “duro”. Através da violência, Billy demonstraria a Mary o prazer de seus lábios. E ela então, após o ato de força, o aceitaria. Através da violência, Reagan mostrava ao povo americano que ele podia dirigir o povo americano para vitórias. E estes sentiriam o prazer de serem vitoriosos. Em parte, Reagan teve razão. Nos dias após a invasão sua popularidade aumentou quase tanto como tinha caído nos últimos tempos. Ampliaram-se as inscrições voluntárias às forças armadas americanas. É bem verdade que esse ato patriótico, era recompensado com um bom salário, num momento em que o desemprego também nos Estados Unidos é grande. Mas um outro fator favorecia esse reforço de Reagan. As informações que chegavam ao povo americano, eram apenas “releases” oficiais do governo e do Pentágono. E esses “releases” falavam apenas em mortos cubanos.

E por aí começou o desgaste de Reagan junto à opinião pública.

UMA GUERRA A MAIS, COM OS JORNALISTAS

Uma equipe de TV, num bote tenta chegar à ilha onde se pode ver e ouvir os bombardeios. Um avião de reconhecimento sobrevoa o barco passando baixo e acenando para que esse se retirasse. O bote persiste em sua rota. O avião sobrevoa novamente e joga uma bóia equipada com rádio. Pouco depois um outro avião de combate, significativamente um Intruder (intruso) com armamento pesado e dando sinais de que poderia usá-lo, faz um vôo rasante. Os repórteres batem então em retirada.

A ilha é Granada, no barco uma equipe de TV americana; os aviões, das forças armadas americanas. O filme foi passado na TV ABC, americana, no dia 28 de outubro e a parte da guerra que a grande imprensa americana realizou contra o Departamento de Estado e o Pentágono em razão do bloqueio que este fez às informações de Granada. “O que eles não querem, são repórteres por aí fuçando e falando de telegramas mal respondidos, como o enviado ao governo de Granada dando garantias. Toda vez que a imprensa não pode ir a algum lugar, a sensação que eu tenho é de que há algo errado” afirmou o editor do Washington Post.

Uma das desculpas alegadas pelos militares é a de que não poderiam garantir a segurança da imprensa e a necessidade de segredo militar para garantir a operação. Os jornalistas não aceitam. Sam Donaldson, um jornalista da rede ABC considera que o que houve foi “um esforço deliberado de mal informar a imprensa, não para proteger a operação militar ou a vida dos jornalistas, mas proteger politicamente as ações do presidente”. Quanto ao segredo militar, ridicularizou “que segredos?” A rádio Granada três dias antes da invasão já a denunciava, além disso eles acham que nós iríamos fazer o que? Avisar aos cubanos através de algum radinho secreto?

Segundo enquetes, realizadas nos Estados Unidos nos primeiros dias da invasão 65% dos americanos ficaram convencidos “chegamos justo na hora para evitar a cubanização e comunização da ilha”, como disse Reagan no seu discurso. Naqueles dias os mortos reconhecidos pelos Estados Unidos não chegavam a dez, apenas os cubanos resistiam na ilha e os granadinos recebiam com boas vindas os invasores. Não tinham ainda sido divulgadas ao público americano, as notícias de que quando atacaram Granada, aviões americanos haviam bombardeado um hospital

psiquiátrico, causando mais de 50 mortes de doentes mentais e que dois pesquisadores alemães denunciavam que aviões americanos, no dia 25, bombardearam indiscriminadamente objetivos civis. Da mesma maneira não se sabia que havia sido realizado um bombardeio aéreo na Embaixada Soviética, criando o risco de confrontação com este país.

A RESISTÊNCIA DEVERIA SER LIQUIDADA EM 24 HORAS

O plano americano era o de liquidar a resistência em 24 horas e retirar suas forças uma semana depois deixando à ilha a responsabilidade da “manutenção da ordem”. “A situação está sob controle, restando, porém, bolsões de resistência cubana”, afirmavam cotidianamente os representantes do governo americano.

Na realidade, a ordem de Fidel Castro de “defender-se energeticamente quando fossemos atacados nas zonas de nossos acampamentos e áreas próximas de trabalho, como se estivéssemos em Cuba”, foi cumprida prontamente pelos trabalhadores cubanos em Granada. Aí resistiram, e resistiram heroicamente. Como se estivessem em Cuba. Às 9 da manhã do dia 26 de outubro, Havana recebeu uma mensagem do comando da resistência cubana em Granada informando “que a aviação ianque, com aviões de caça, helicópteros, artilharia de grosso, e médio calibre e morteiros, atacou intensamente nossas posições e que o edifício principal que ficara em nossas mãos foi praticamente destruído. As baixas são elevadas, mas os sobreviventes seguirão lutando firme mente”. Algumas horas depois, ao final desses combates a Embaixada de Cuba em Granada informava que “um grupo de seis companheiros continuara combatendo enrolados em nossa bandeira” até sua morte.

Dois dias após a invasão, o governo de Cuba dizia que os cubanos não mais combatiam. Vários haviam sido mortos lutando. A grande maioria presa quando lhe faltava munição. No entanto os combates continuavam.

Ainda que Estados Unidos falasse apenas de resistência cubana, já no dia 26 de outubro era furado o bloqueio de informações através de radioamadores de Barbados que comunicando-se com a ilha disseram que “a milícia granadina continua resistindo em St. George’s, nos arredores da capital”. Dia 27 chegavam mais soldados americanos à ilha, atingindo o nº de 5.600 soldados com mais armamentos e entre eles fuzis M-16 com mira infra vermelha para combate a noite. Dia 30 um repórter do Jornal do Brasil escrevia “um total de 15 mil militares americanos estão em Granada: 5 mil em terra e 10 mil em navios de guerra ao redor da ilha, afirmou o Almirante americano Joseph Metcalf, comandante da força de intervenção número 120. De acordo com o almirante, 36 cubanos morreram até agora, 56 estão feridos e 650 foram capturados. Tropas americanas se preparavam ontem para tentar localizar pequenos grupos de cubanos que resistiam nas montanhas no centro e sul de Granada. A área dominada até ontem pelos americanos, incluindo Ponta Salinas, o aeroporto de Perls no Nordeste e a região em volta da Capital, St. George’s, representa menos dos 10% dos 344km² de Granada”. A parte o fato de responsabilizar os cubanos da resistência, esta matéria dá uma visão das dificuldades dos americanos em dominar a ilha, com quinze mil soldados correspondendo a 15% da população da ilha seis dias depois da invasão os EUA não controlavam ainda mais de 10% da ilha de Granada.

Quanto a afirmação de que eram os cubanos os responsáveis pela resistência, julgamos que é suficiente transcrever um trecho

da matéria de Paulo Sotero na revista "Isto é": "Naquele momento, dez horas da manhã de 31 de outubro na verdade não havia qualquer cubano em Granada que não estivesse preso, morto, ferido ou no interior da embaixada de seu país. E a confirmação de que o que restava de resistência à invasão, em pontos esparsos, era conduzido por soldados granadinos leais a Austin viria menos de uma hora depois. Uma mensagem irradiada por intermédio de um poderoso alto falante instalado num helicóptero que sobrevoava, a uma prudente distância, as montanhas situadas junto ao aeroporto de Point Salines proclamavam: 'O General Austin se entregou. Os soldados do exército revolucionário devem depor suas armas. Não há mais sentido em continuar a lutar'".

Mas os soldados do exército popular, os milicianos granadinos, sabiam que valia. Por isso continuavam e continuarão lutando. Desde muito tempo que sabiam que não poderiam ter uma vitória militar, mas, lutavam para transformar a derrota militar em uma vitória moral, sabiam que quanto mais sustentassem o combate, com mais autoridade poderiam realizar a resistência posterior, e maior desgaste imporiam a Reagan ao nível internacional. Sabiam que nas suas trincheiras defendiam também Nicarágua, Cuba e El Salvador e vingavam a mocinha Mary, os índios, os mexicanos, os negros, os japoneses, os comunistas, que a filosofia hollywoodiana de Reagan muito procurou mostrar como subjugáveis a primeira violência.

“Era uma vez, uma pequena ilha, onde 110 mil habitantes resolveram se libertar...”

“Vocês sabem o que se passou no Chile; não tenho de dizer que foi a classe operária que foi massacrada.

Quando eles vierem, porque estamos seguros de que virão, é a classe operária que pagará o maior preço.

Mas já deixamos claro o que acontecerá. Se não se afogarem no mar, terão que afogar-se em seu próprio sangue.”

VINCENT NOEL, dirigente sindical granadino



E eles eram muitos, milhares de vezes mais forte. Eram de um país milhares de vezes maior, os que invadiram. Mas o pequenino povo de Granada havia decidido continuar a lutar...



"O poder, deverá ter suas raízes nos povoados e nos lugares de trabalho, e como fim, a destruição de toda opressão e exploração de classes em nossa sociedade". Programa do NJM

As notícias de resistência em Granada continuam aparecendo nos jornais, ainda que nas entrelinhas, nos rodapés de outras matérias. Quase um mês após a invasão que devia ser “consolidada em algumas horas”, dia 18 de novembro, um helicóptero americano era derubado com três tripulantes. Eram publicadas, nestes mesmos dias, várias notícias de ataques de franco atiradores contra as tropas americanas. Dia 17 de novembro dois soldados americanos eram feridos a tiros na costa nordeste de Granada.

As tropas americanas continuam na ilha, apesar das sucessivas notícias de retiradas. Dia 22 de novembro, os jornais afirmavam que eram quatro mil e trezentos o número de soldados americanos na ilha, “somando-se a este número o pessoal de apoio”. Segundo estimativas de Gordon Adams, de um grupo que controla gastos militares americanos, tomando como base os custos das operações em Honduras, somente a primeira semana de invasão custou aos contribuintes americanos “no mínimo 10 milhões de dólares⁷”. O número de baixas norte americanas gerava polêmica nos Estados Unidos. Dia 12 de novembro a Folha de São Paulo informava: “Persistem dúvidas sobre o número

⁷ Aproximadamente 40 milhões de dólares em valores de 2023 (nota do editor).

de norte americanos mortos durante a intervenção. Os EUA dizem ter perdido somente 18 soldados. Mas o jornalista Tony Allen Mills, do jornal londrino 'Daily Telegraph', citando 'fontes fidedignas' de Granada garante terem morrido 42 norte americanos, podendo esse número subir para 80, devido a existência de muitos feridos em estado grave".

Contribuem para o desgaste de Reagan, as primeiras medidas tomadas na ilha. Dia 7 de novembro se tomava conhecimento de um pedido de Scoon, o homem que os EUA colocaram no poder de Granada, de "ajuda internacional para concluir o aeroporto de Ponta Salinas, essencial à promoção do turismo e à economia (sic)". Dia 11, os EUA, que tinham cortado toda ajuda a Granada, aprovava uma ajuda de três milhões de dólares, entre outras coisas para "a restauração de serviços de água, eletricidade e transportes, danificados durante a invasão". Dia 14 Scoon dizia que não tinha idéia de "quando as tropas americanas pretendem retirar-se da ilha, o que depende do êxito na luta pela expulsão total dos cubanos, que são 'uma ameaça à paz e à segurança de Granada'". No mesmo dia a médica búlgara Nedyalka Kostova, que trabalhava como neurologista em uma clínica em Granada e se refugiou na Embaixada soviética dizia ao chegar a Sófia, que os americanos, depois de repatriarem seus compatriotas, entregaram-se a uma guerra "extremamente cruel contra a população de Granada e estrangeiros de outras nacionalidades que permaneceram na Ilha".

Dia 18 de novembro a Folha de São Paulo noticiava: "Desembarcou ontem na capital granadina um grupo de nove assessores norte americanos, encarregados de substituir os técnicos cubanos e soviéticos, expulsos do país após a intervenção militar nos EUA. São cinco funcionários da AID (Agência Internacional de Desenvolvimento) e representantes dos Departamentos de Estado e do Comércio, da Corporação de Investimentos Privado no Exterior e dos Voluntários

da Paz. O grupo permanecera até domingo no Caribe, para recolher dados a fim de elaborar projetos de ajuda e investimentos na ilha”.

O balanço real da invasão de Granada, ainda não pode ser encerrado. Mas Fritz Utzeri escrevendo para o Jornal do Brasil parece apontar algumas questões que certamente serão centrais nesse balanço:

“A vitória sobre Granada no que Ronald Reagan insiste agora em chamar de ‘resgate’ (a palavra inicial ‘invasão’ foi banida do léxico oficial) deu aos americanos um sentido de vitória que eles não experimentavam desde o final da Segunda Guerra. Psicologicamente pode ter sido gratificante, mas o certo é que acreditar-se nos informes da inteligência militar, houve erros grosseiros de avaliação numa ilha de 340km, sobrevoada freqüentemente por aviões e satélites de espionagens e para qual qualquer americano podia viajar, como turista ou como estudante de medicina, a começar pela quantidade de cubanos existentes na ilha que a certa altura – segundo os americanos pareciam – brotar do chão e chegaram a mais de 1.100.

Se foi preciso uma semana de lutas para tomar Granada que militarmente, pode ser considerada uma brincadeira, dada à desproporção de forças e tamanho do objetivo, como seria uma crise mais séria? Os americanos não o dizem, mas a lição de Granada pode ter demonstrado que o preço de uma invasão na Nicarágua por exemplo, pode ser mais alto do que o país possa suportar”.

Balanço idêntico ao do próprio líder contra-revolucionário da Nicarágua, Éden Pastora. Este, em entrevista ao The New York Times, advertiu ao Governo do presidente Reagan que não invada a Nicarágua. considerando que isso “poderia ser o mais grave erro que Reagan poderia cometer”. Segundo Pastora, ao contrário de Granada, seria fácil entrar na Nicarágua “mas para sair seria toda uma outra história”.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS

Agências

Prensa Latina, Cuba; Agência Nova Nicarágua (ANW); Reuters; UPI, Estados Unidos; AP, Estados Unidos; Agência Latino Americana de Informações (ALAI), Quebec, Canadá.

Jornais

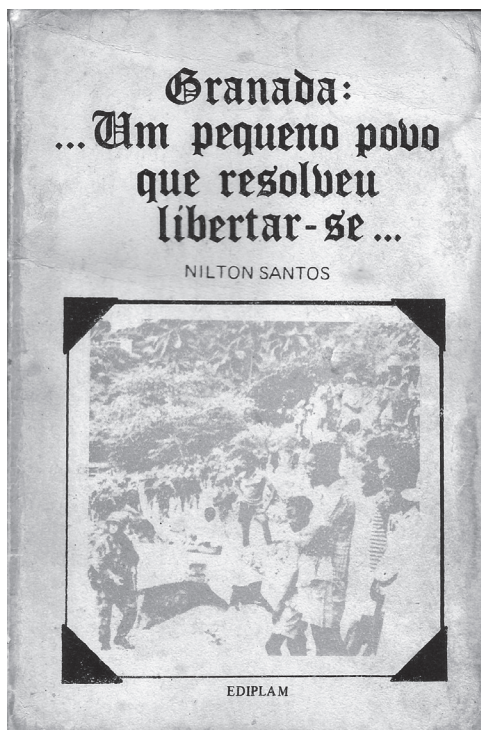
Washington Post; New York Time; Folha de São Paulo; Jornal do Brasil; El Dia, México; Barricada, Nicarágua.

Revistas

Mother Jones, mensal, São Francisco, Califórnia; Intercontinental Press, semanal, Nova York; Perspectiva Mundial, semanal, Nova York; News Week, semanal, Colorado, EUA; Veja, semanal, São Paulo; Isto é, semanal, São Paulo.

Colofão da 1ª edição

Este livro terminou de ser impresso em dezembro de 1983



Contracapa da 1ª edição

Granada: Um pequeno povo que resolveu libertar-se, é o livro que conta a história da revolução granadina, uma história que não se tem conhecimento pelas grandes agencias internacionais de notícias.

As Edições dos Povos Latino Americanos que publica este livro é uma editora do Comitê de Solidariedade aos Povos Latino Americanos, organismo que trabalha pela solidariedade e amizade dos povos de nosso Continente.

Este livro foi composto na fonte
Frutiger Light, corpo 12/16,
e impresso em agosto de 2023
na Meta Brasil

A figura do correspondente internacional é geralmente identificada com a mídia



mainstream, com a geração de fatos, de verdades, que corroboram, de forma efêmera, as perspectivas das classes dominantes para as conjunturas específicas de cada país. Mas a força dos movimentos dos povos por sua autonomia e liberdade e a solidariedade internacional com esses movimentos revolucionários não prescinde de quem, estando presente de forma física ou se correspondendo com os atores dos eventos, fale dos acontecimentos para quem compartilha condições semelhantes, dentro de uma outra perspectiva, com a visão dos explorados e de sua história imediata.

A **Coleção Correspondência Internacional**, da Arquimedes Edições, apresenta um conjunto de livros que têm formas textuais e processos de produção extremamente diversos, que vão desde reportagens sobre o dia a dia da revolução Nicaraguense até um romance autobiográfico, mas todos escritos no contexto das redes de solidariedade internacional latino-americanas dos anos 70 e 80, e pretende com isso transformar em memória aquilo que só pôde ser concebido pela inserção imediata na realidade social que a correspondência internacional propicia.

- **O estádio era mais alegre** (Chile, 1973 – Já publicado)
- **E também lhes ensine a ler...** (Nicarágua, 1980 – Já publicado)
- **Granada: um pequeno povo que resolveu libertar-se...** (Granada, 1983)
- **Os sandinistas aceleram o passo** (Nicarágua, 1979 – No prelo)
- **Concepções e prática dos revolucionários salvadorenhos** (El Salvador, 1980 – Previsto para 2024)



Esta é uma reedição, com objetivo de registro histórico, de uma obra que fala da revolução em uma ilha de 344 km², 20 km de diâmetro, menos de 1/3 da área do Rio de Janeiro e 110 mil habitantes. Nos conta a história desta vitoriosa revolução, iniciada em 13 de março de 1979. Era a primeira revolução vitoriosa na América depois de Cuba.

Esta revolução, que tomou a dimensão de sonho para ser real, em seus quatro anos de existência começava a se tornar perigosa. Não porque tivesse um significado econômico ou poder militar, mas por sua dignidade moral, sua pureza, sua radicalidade, seu companheirismo, seu internacionalismo, enfim... sua dimensão de sonho.

A edição original foi escrita e lançada pela editora do Comitê de Solidariedade com os Povos Latino-Americanos (COSPLAM), poucos dias após a bárbara e covarde intervenção imperialista perpetrada pelos Estados Unidos em 25 de outubro de 1983, que interrompeu esse sonho de liberdade.

ISBN: 978-65-87992-05-1



9 786587 992051